Itsvan Bakony

Os Judeus querem Dominar os Negros

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Itsvan Bakony

Os Judeus querem Dominar os Negros

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Os judeus negros e algo sobre o judaísmo clandestino na América Latina.....4
Judeus: Comerciantes de Escravos.....38

Capítulo I

Os judeus negros e algo sobre o judaísmo clandestino na América Latina

Uma das principais infiltrações judaicas entre os povos de raça negra são os **"Falasha"** da Etiópia, cuja pele é negra e que apresentam o aspecto físico dos negros do continente africano. Alguns deles vivem em cabanas, como as dos negros africanos mais pobres, e vestem apenas trajes simples, como o leitor pode constatar nas imagens incluídas neste capítulo, que foram retiradas da **Enciclopédia Judaica Castelhana** e da **Enciclopédia Judaica**, documentos israelitas de máxima autoridade no judaísmo.

É conveniente para o judaísmo infiltrar-se entre as classes pobres da população, para que líderes revolucionários surjam nessas classes, controlem os trabalhadores e camponeses pobres e os lancem às revoluções promovidas pelo imperialismo judeu para conquistar o poder sobre as nações gentias. O mesmo ocorre na América Latina, onde o poder judeu oculto possui comunidades israelitas clandestinas no interior, em cadeias montanhosas e regiões selvagens, tanto no Brasil quanto nas nações do México ao Chile e à Argentina que fizeram parte do Império Espanhol.

Essas comunidades clandestinas foram formadas desde o século XVI com marranos, ou seja, judeus espanhóis e portugueses clandestinos, que, ao eludir as leis que proibiam a emigração para o Novo Mundo de cristãos espanhóis e portugueses descendentes de judeus, puderam se estabelecer nas diferentes colônias do Império Espanhol na América e no Brasil. Perseguidos pelas Inquisições espanhola e portuguesa, muitos deles tiveram que fugir para as cadeias montanhosas e para as florestas, fundando cidades às vezes em regiões distantes, fora do alcance da Inquisição. Por meio de casamentos mistos com indígenas, iniciaram uma linhagem de judeus misturados com índios americanos, que, tendo nomes muito cristãos e sobrenomes espanhóis ou portugueses, fazem parte da população dos países latino-americanos de língua espanhola e não podem ser distinguidos do restante do povo, porque suas famílias também foram

católicas publicamente por séculos e ainda são católicas, embora pratiquem o judaísmo em segredo.

Alguns desses marranos ou judeus clandestinos da América Latina, incluindo os do Brasil, que publicamente praticam a religião católica, puderam escapar da vigilância da Inquisição e permanecer em cidades e vilarejos, organizados como os antigos em sociedades supersecretas, que atualmente compõem o poder oculto que controla a maçonaria, os partidos políticos e as guerrilhas marxistas, que, infelizmente, conseguiram impor uma ditadura totalitária — satélite de Moscou — em Cuba, liderada pelo marrano Fidel Castro.

Muitos desses marranos, por muitos anos, introduziram seus filhos nos seminários da Igreja Católica e até nos conventos de freiras e frades, permitindo que entrassem sorrateiramente em cargos de cônego, bispo, arcebispo e até cardeal, como judeus clandestinos fizeram na Itália, na França e em outros países católicos. Esses padres católicos, que são judeus em segredo, são os divulgadores do chamado progressismo católico e os líderes da subversão judeu-marxista na Igreja Católica, que está a serviço de Moscou. Os marranos também se infiltram em todos os partidos políticos, da direita à esquerda, e em todas as instituições e governos de língua portuguesa e espanhola. Entretanto, devido às suas limitadas habilidades militares, embora também se infiltrem nas forças armadas, não conseguiram controlá-las, com exceção de Cuba; por isso, as marinhas e exércitos terrestres dessas nações são as instituições menos infiltradas e por isso sempre foram a esperança de libertação desses povos da subversão e conquista do judaísmo clandestino[1].

Quanto aos judeus negros africanos, a **Enciclopédia Judaica Castelhana** — sob a palavra "**Falasha**" — menciona o seguinte: **"Falasha. Nome dado aos judeus nativos da Abissínia. Eles se chamam de 'Beta Israel' (Casa de Israel), enquanto 'Ayhud' (judeu) era um termo desconhecido entre eles. É um grupo étnico de forte mistura**

1 Sobre os Marranos (ou seja, os judeus clandestinos de origem portuguesa e espanhola, atualmente infiltrados em grande quantidade na Espanha, Portugal e América Latina), os leitores podem consultar o livro já mencionado intitulado "O Complô Contra a Igreja"30, edição italiana, Roma, 1952; ou qualquer outra edição, especialmente os capítulos 1 e 24 daquela edição italiana e os capítulos 38 e 39 da edição austríaca, ampliada pelos autores do livro. Edição em inglês publicada pela St. Anthony Press, Los Angeles, Califórnia, 1967.

africana”… “A lenda abissínia afirma que são judeus que abandonaram a Palestina com Menelix, filho de Salomão. Halevy acreditava que eram o resultado de uma mistura entre judeus himyaritas — subjugados pelo rei Calebe e, parcialmente, refugiados das regiões montanhosas do Oeste — e nativos negros” … “A tradição que lhes atribui grande antiguidade na Etiópia parece estar justificada, porque os Falasha não conhecem os preceitos talmúdicos.”

O racismo exclusivista desses judeus negros é confessado na chamada **Enciclopédia Judaica**, quando se lê que suas aldeias exclusivas: “**Não permitem a entrada de não-judeus. Uma espécie de sinagoga, o mesguid, está localizada no ponto mais alto da cidade e, em cada cidade, há uma casa dedicada aos ritualmente impuros, chamada Merghem liet**[2].”

Os negros Falasha, assim como outros judeus da Ásia e da África, permaneceram por muitos séculos separados do judaísmo ocidental devido aos problemas de comunicação antes do século XVIII. Eles se uniram ao judaísmo internacional apenas em tempos relativamente recentes, assim como hindus, chineses e muitos outros judeus. Mas, apesar dos séculos de isolamento, os Falasha mantiveram as características essenciais da organização hebraica, como, por exemplo, a discriminação contra os impuros, isto é, judeus misturados com sangue gentio; os Falasha são desavergonhados e brutais, e chegam a construir — além da sinagoga para os puros — outra casa (que eles nem chamam de sinagoga) para os impuros. Judeus mais civilizados fazem isso de forma dissimulada, escondendo tais discriminações do modo que indicamos antes, cercando-as com o máximo segredo para que os híbridos não saibam que estão sendo discriminados, evitando o desagrado e as reações violentas dos híbridos.

Entretanto, apesar do exclusivismo dos Falasha em impedir a entrada de gentios em suas aldeias, os Falasha consideram que têm o direito de se envolver no mundo não judeu para exercer atividades de dominação. Além disso, o judaísmo internacional os tem utilizado como agentes de infiltração, devido à sua aparência racial negra, para controlar povos de raça negra em diferentes partes do mundo, tendo muitos deles sido transferidos para diversos locais do continente africano há muito tempo.

---

2 Enciclopédia Judaica Castelhana. México, 1948, 4º vol. Vocábulo: Falasha. pp. 371-372.

SEDER DOS MARRANOS OU JUDEUS CLANDESTINOS LATINO-AMERICANOS, INTERROMPIDO PELA INQUISIÇÃO.

Foto retirada da Enciclopédia Judaica Castelhana, vol. 7, palavra: MARRANO, p. 289.

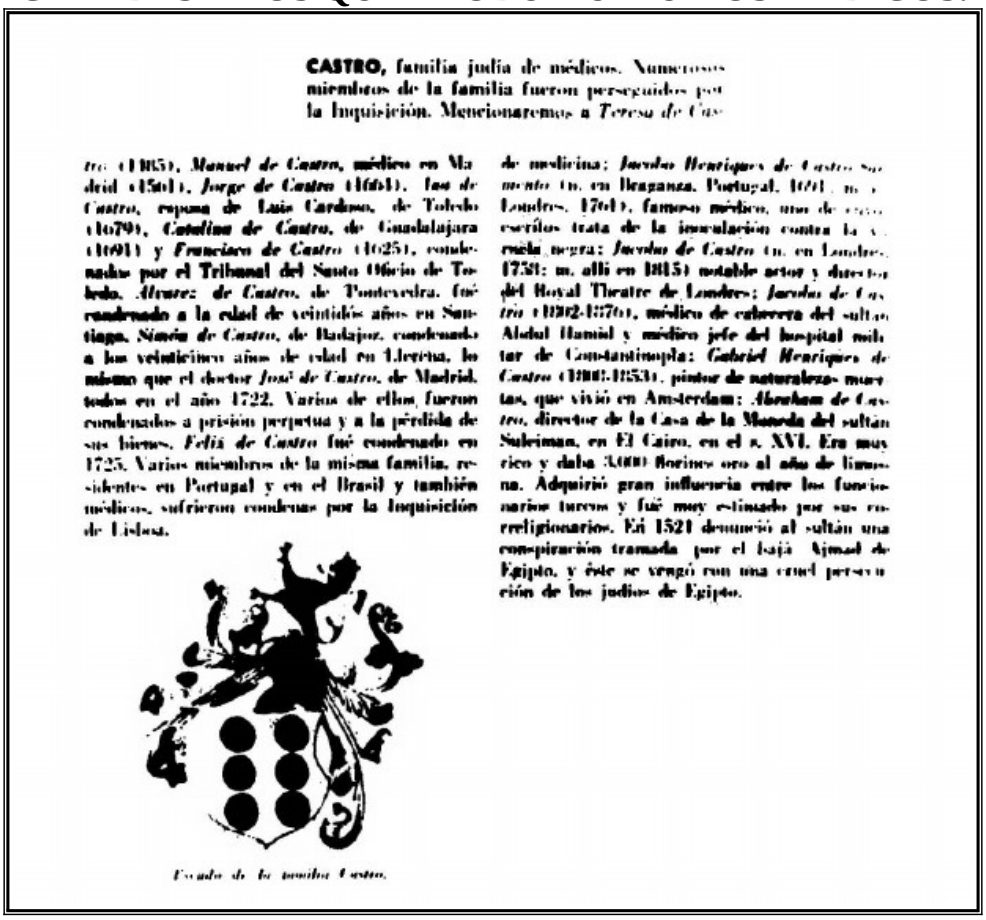
Os marranos, católicos em público, mas judeus em segredo, eram o principal objetivo das Inquisições espanhola e portuguesa. Os marranos, assim como os judeus de todo o mundo, celebram a Páscoa israelita, que comemora a conquista do Egito por um único israelita, o famoso José da Bíblia, e também o êxodo dos judeus para conquistar as sete nações da terra de Canaã. Todas essas conquistas são consideradas pelos judeus como um símbolo da conquista do mundo inteiro, na qual estão engajados atualmente. Tudo é celebrado anualmente nos Pesahim (Pessach ou festividade judaica da Páscoa), que possui dois banquetes rituais organizados por cada família judaica. Judeus ricos viajam pelo mundo para se reunir na casa do patriarca, seja o pai da família, o avô ou bisavô, se ainda estiverem vivos. No primeiro Seder dos Pesahim, fazem-se brindes à próxima conquista mundial da nação israelita. Marranos ou judeus clandestinos espanhóis, portugueses ou latino-americanos também celebravam sua Páscoa e banquetes solenes ou Seders de forma oculta e clandestina. Esta imagem mostra um Seder interrompido pelos guardiões da Santa Inquisição, que certamente levaram aqueles marranos que estavam celebrando aquele banquete ritual.

Pior de tudo, eles foram levados para os Estados Unidos para organizar e controlar as comunidades secretas de judeus negros americanos. A esse respeito, é necessário citar o que afirma o rabino Jacob Solomon Raisin em seu livro intitulado *Gentile Reactions to Jewish Ideals*: **“A primeira congregação judaica de pessoas de cor nos Estados Unidos foi fundada em 1889, quando o rabino Leon Richlieu, um etíope, fundou o Templo Mourisco de Sião.”** Ele também afirma que: **“O número aumentou com negros judaizados das Índias Ocidentais, e congregações negro-judaicas foram organizadas em Chicago, Cleveland, Newark, Youngstown, Asbury Park e outros lugares. Atualmente, na ‘Pequena África’ em Harlem, o número de membros deste local apenas é estimado em mais de dois mil.**[3]”

Podemos ver aqui a grande importância que tem, para o judaísmo, o trabalho realizado pelo rabino etíope negro Leon Richlieu em uma terra destinada à conquista do imperialismo israelita, ou seja, os Estados Unidos; justamente um daqueles judeus da Abissínia que são tão racistas e exclusivistas, que na Etiópia não permitem a entrada de não-judeus em suas aldeias privadas e discriminam os infelizes impuros de tal forma que não lhes é permitido entrar nas sinagogas, mas, em vez disso, são construídas casas especiais de oração chamadas **“Merghem Biet”** para eles.

3 Rabino Jacob Solomon Raisin: "Gentile Reactions to Jewish Ideals"31, Nova York, 1953, pp. 792-793.

FIDEL CASTRO PERTENCE A UMA FAMÍLIA DE JUDEUS CLANDESTINOS QUE PRODUZIU MUITOS MÉDICOS.



CASTRO, familia judía de médicos. Numerosos miembros de la familia fueron perseguidos por la Inquisición. Mencionaremos a *Teresa de Cas-*

tro (1485), *Manuel de Castro*, médico en Madrid (1561), *Jorge de Castro* (1664), *Ana de Castro*, esposa de Luis Cardoso, de Toledo (1679), *Catalina de Castro*, de Guadalajara (1691) y *Francisco de Castro* (1625), condenados por el Tribunal del Santo Oficio de Toledo. *Alvarez de Castro*, de Pontevedra, fué condenado a la edad de veintidós años en Santiago. *Simón de Castro*, de Badajoz, condenado a los veinticinco años de edad en Llerena, lo mismo que el doctor *José de Castro*, de Madrid, todos en el año 1722. Varios de ellos fueron condenados a prisión perpetua y a la pérdida de sus bienes. *Felix de Castro* fué condenado en 1725. Varios miembros de la misma familia, residentes en Portugal y en el Brasil y también médicos, sufrieron condenas por la Inquisición de Lisboa.

Escudo de la familia Castro.

de medicina; *Jacobo Henriques de Castro Sarmento* (n. en Braganza, Portugal, 1691; m. en Londres, 1761), famoso médico, uno de cuyos escritos trata de la inoculación contra la viruela negra; *Jacobo de Castro* (n. en Londres, 1758; m. allí en 1815) notable actor y director del Royal Theatre de Londres; *Jacobo de Castro* (1802-1876), médico de cabecera del sultán Abdul Hamid y médico jefe del hospital militar de Constantinopla; *Gabriel Henriques de Castro* (1808-1853), pintor de naturalezas muertas, que vivió en Amsterdam; *Abraham de Castro*, director de la Casa de la Moneda del sultán Suleiman, en El Cairo, en el s. XVI. Era muy rico y daba 3.000 florines oro al año de limosna. Adquirió gran influencia entre los funcionarios turcos y fué muy estimado por sus correligionarios. En 1521 denunció al sultán una conspiración tramada por el bajá Ajmad de Egipto, y éste se vengó con una cruel persecución de los judíos de Egipto.

Enciclopédia Judaica Castelhana, vol. 2, p. 288, 2ª coluna.
Palavra: CASTRO, FAMÍLIA JUDAICA DE MÉDICOS.

Fotocopiamos o texto da grande obra judaica chamada **Enciclopédia Judaica Castelhana**, que se refere aos famosos marranos ou judeus clandestinos cujo sobrenome é CASTRO; alguns deles foram condenados pela Santa Inquisição por praticarem o judaísmo em segredo. Como os leitores podem constatar neste documento, a família CASTRO produziu muitos médicos famosos.

A Enciclopédia Judaica afirma que a palavra FALASHA significa “emigrantes” e que esses judeus negros têm a pele mais escura e são mais robustos do que os amharas da Abissínia, em cujo território vivem. Além disso, nas regiões de Walkait e Tchelga, os Falasha são conhecidos como “**Foggara**”, e os **Ilmormas ou Gallas** os chamam de “**Fenlas**”[4]. Como se pode ver, os negros gentios dão nomes diferentes aos Falasha nas diferentes regiões em que estão infiltrados.

A Enciclopédia Judaica acrescenta que as casas dos Falasha são construídas da mesma forma que as do restante do povo abissínio; além disso, eles utilizam os mesmos instrumentos e falam a mesma língua do povo etíope; também usam vestimentas semelhantes às usadas pela população cristã da Abissínia. Em resumo: uma aparente assimilação total ao restante da população entre a qual estão misturados, como fazem os israelitas infiltrados em todos os países do mundo; mas mantendo sua organização à parte, do modo descrito pela Enciclopédia Judaica Castelhana.

A Enciclopédia Judaica continua afirmando que os Falasha se dedicam a todos os tipos de profissões e trabalhos, especialmente à agricultura[5]. A esse respeito, vale notar que pesquisadores sobre o judaísmo ocidental chegaram à conclusão de que os judeus, por natureza, odeiam a agricultura e preferem se dedicar a outras atividades. Isso, como regra absoluta, é completamente falso. Mas é verdade que o percentual de camponeses entre os judeus ocidentais é muito pequeno. No entanto, nem mesmo esse último fato é verdadeiro em relação a muitas comunidades israelitas da África e da Ásia, onde muitos Falasha da Abissínia, os judeus TIAO-KIU-KIAOU da China e outros, trabalham na agricultura e se infiltram, em proporções perigosas, nas organizações camponesas desses países.

4 Jewish Encyclopedia, New York and london, 1903. 5th. vol. Word FALASHA, p. 327, 1st. and 2nd. cols.

5 J.wlsh Encyclopedia. 5th. vol., word: FAlASHA, p. 327. 2nd. col.

JUDEUS FALASHA NEGROS E SUA ALDEIA EM BALANKAB.

Foto retirada da grande obra judaica intitulada Enciclopédia Judaica, vol. 5, palavra: FALASHAS, p. 329.

Como os leitores podem ver, esta é uma aldeia de judeus Falasha negros pobres. Suas cabanas são tão humildes quanto as dos negros gentios na selva africana. Esses Falasha camponeses usam apenas trajes simples, e alguns cobrem-se com um manto. É impossível distingui-los dos negros gentios de outras tribos africanas.

O mesmo acontece com os índios judeus da América Latina, cujos antepassados fugiram da Inquisição séculos atrás e se estabeleceram em regiões agrícolas distantes dos grandes centros populacionais, onde de modo algum atuava o chamado Santo Tribunal da Inquisição. Nessas regiões, quase todos tiveram de se dedicar à agricultura e à criação de gado. E muitos ainda o fazem, monopolizando terras e vivendo como verdadeiros ditadores nas aldeias, fazendo e desfazendo prefeitos, dedicando-se a monopolizar colheitas e cereais, comprando-os dos camponeses gentios a preços miseráveis e revendendo-os a preços fabulosos; ao mesmo tempo, são donos dos armazéns de alimentos onde vendem álcool e licores, também possuem bilhares e tavernas onde o vício do álcool é ensinado à juventude camponesa para explorá-la e comprar as colheitas dos pobres camponeses pelo menor preço; ao mesmo tempo, emprestam dinheiro com juros usurários, inclusive de cento e vinte ou duzentos e quarenta por cento ao ano. O mesmo é feito por usurários judeus em todo o mundo, que exploram os camponeses de forma criminosa, como denunciou o judeu russo Jakob Alexandrovich Brafman em seu livro intitulado: “O Livro do Kahal”, afirmando que os israelitas do Império Russo faziam o mesmo com os camponeses, incentivando entre eles o vício do alcoolismo para comprar as colheitas pelo menor preço. Essa situação foi encerrada pelo primeiro-ministro Stolypin do czar Nicolau II, que retirou dos judeus o monopólio que tinham no comércio de álcool e licores para impedir que provocassem o alcoolismo entre os camponeses; um ato que levou o judaísmo a condená-lo à morte. A execução foi confiada ao judeu Bogrof, infiltrado na Polícia Imperial; ele assassinou Piotr Arkadievitch Stolypin em 14 de setembro de 1911, em um teatro em Kiev, onde Stolypin havia ido acompanhar a família imperial. Esse fato mostra mais uma vez o quão perigoso é tolerar a infiltração de judeus na polícia e nas forças armadas de qualquer país, colocando-os assim em posição de matar facilmente chefes de Estado ou ministros, quando convém ao imperialismo judeu ordenar tais crimes.

JUDIA FALASHA NEGRA DA ABISSÍNIA

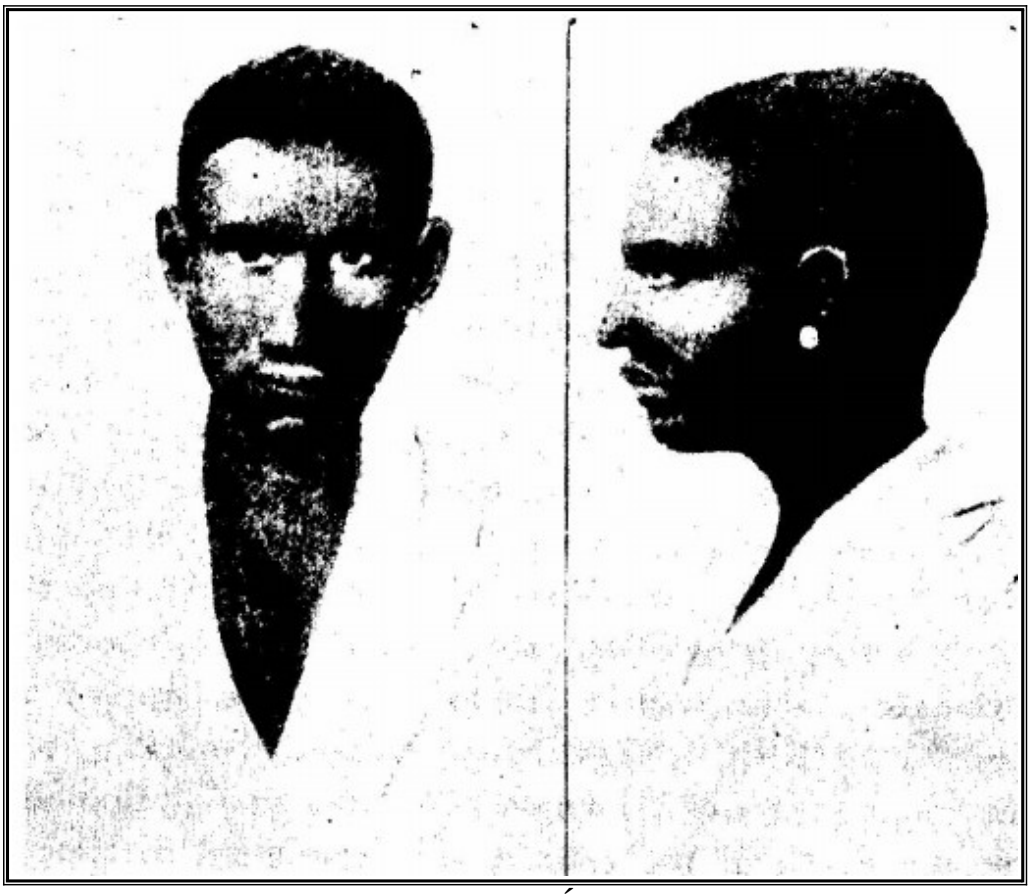


Foto retirada da ENCICLOPÉDIA JUDAICA, vol. 5.
palavra: FALASHAS, p. 328.

A tentativa, às vezes bem-sucedida, do imperialismo israelita de conquistar a Abissínia começou há muitos séculos.

A *Enciclopédia Judaica Castelhana* afirma que, no século X, existiu na Abissínia uma dinastia de linhagem salomônica ou judaica, descendente do rei israelita Salomão. E, a esse respeito, lê-se: **"No início do século X, surgiu uma nova dinastia chamada Zague. A esposa do rei Gedeão, chamada Judite, depôs o rei legítimo de LINHAGEM SALOMÔNICA e ordenou a morte de quatrocentos príncipes de sua dinastia. O rei deposto, Delhad, fugiu para o sul do país e permaneceu em Shoa, enquanto a nova dinastia — que parecia contar com vários entusiastas defensores do cristianismo — se fortaleceu no Norte. Os historiadores etíopes, entretanto, chamam os reis Zague de 'REIS JUDEUS'."**[6]. Se assim foi, pode ter-se tratado de uma guerra de judeus contra judeus, como aconteceu em diferentes países ao longo da história da nação israelita espalhada pelo mundo.

Mas, felizmente para o povo etíope, a Enciclopédia Judaica Castelhana afirma que o reinado dessa dinastia Zoque **"terminou em 1270, quando foi substituída por Yekuno Amlak, embora tenham permanecido na parte norte do país, até serem subjugados pelo rei Sarsa Denguel no século XVI e finalmente aniquilados por Susenyos após os massacres de 1617.**[7]**"**

O reinado da dinastia gentia — a verdadeira dinastia etíope —, entretanto, na maior parte do território abissínio, foi perturbado por revoltas organizadas pelo judaísmo, utilizando os Prosélitos da Porta como satélites, como veremos mais adiante. Eles conseguiram converter à religião de Israel alguns governadores provinciais, transformando-os assim em instrumentos cegos do imperialismo judeu, incitando-os à rebelião contra o rei gentio da Etiópia, tentando derrubá-lo. Essas e outras informações muito valiosas sobre a subversão judaica contra a verdadeira dinastia abissínia estão contidas na ENCICLOPÉDIA JUDAICA, que diz: **"Sob o rei Amda-Seyon I (1314–1344), judeus se estabeleceram em Semien, Wogara, Salamt e Sagade. Um desses reis guerreiros reprimiu uma rebelião em Begameder, habitada por cristãos convertidos ao judaísmo. Depois disso, ocorreu uma revolução Falasha sob o reinado de Ishak (1412–1429); o reinado de Zara Yaekob (1434–1468) foi perturbado pela rebelião de Amba-Nahad, governador de Salamant; de Sagay, governador de Semien e de Kantiba; todos eles haviam**

6 Enciclopédia Judaica Castelhana. 4º vol. Vocábulo, Etiópia, pp. 331-332.

7 Enciclopédia Judaica Castelhana. 4º vol. Vocábulo: Etiópia, p. 332, 1ª col.

ABJURADO do cristianismo e se CONVERTIDO AO JUDAÍSMO.[8]”
Assim, os judeus negros da Abissínia utilizavam os Prosélitos da Porta, convertidos do cristianismo à religião de Israel, como meio para conquistar a dominação na Abissínia, do mesmo modo que tentam fazê-lo hoje com Prosélitos da Porta aliciados no Japão e em outros países ou comunidades, onde os verdadeiros judeus, judeus de sangue, não são numerosos o suficiente para alcançar tal objetivo por si mesmos, e necessitam de marionetes gentias facilmente manejáveis, como geralmente são os Prosélitos da Porta.

8 Jewish Encyclopedia. 5º vol. Vocábulo: Falasha, p. 329. 2ª col.

CAMPONESES JUDEUS FALASHA NEGROS PRÓXIMO A GONDAR

Foto retirada da ENCICLOPÉDIA JUDAICA CASTELHANA, vol. 4. palavra: FALASHA, p. 372, 1ª coluna.

Eles caminham descalços. Rabinos, dirigentes religiosos e políticos das Fraternidades da Sinagoga, para evitar que os judeus muito pobres de todo o mundo se tornem invejosos dos judeus muito ricos e milionários, pregam-lhes que O DEUS DE ISRAEL LHES DEU A POBREZA COMO UMA BÊNÇÃO, PORQUE COM ESSA POBREZA ELES SERÃO MELHORES LÍDERES DO PROLETARIADO GENTIO, COM O QUAL, POR MEIO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA, ISRAEL OBTERÁ O DOMÍNIO TOTALITÁRIO E ABSOLUTO SOBRE TODAS AS NAÇÕES. Eles lhes dão o exemplo de Lênin e também o de judeus da classe pobre que conseguiram conquistar o antigo Império Russo e tornar-se seus senhores absolutos.

O judaísmo planeja transformar os Prosélitos da Porta em escravos — porque são de sangue gentio — após o estabelecimento de sua ditadura totalitária (chamada "**REGIME MESSIÂNICO**"). Eles planejam destruir todas as religiões gentias, como acreditam estar profetizado na Bíblia e no Talmude; a única religião então existente será a religião de Israel, à qual todos os porcos gentios serão forçados a se converter, sendo então transformados em PROSÉLITOS DA PORTA, ou sendo assassinados se se recusarem a fazê-lo. Assim, os atuais Prosélitos da Porta são simplesmente os pioneiros desse jugo espiritual que precede a escravidão material, porque todos os nossos descendentes gentios estão destinados a se tornar Prosélitos da Porta e escravos quando o judaísmo substituir o regime comunista transitório — que os converterá em escravos do Estado, administrado por judeus de sangue — por um chamado "REGIME MESSIÂNICO", também conduzido por verdadeiros judeus, os judeus de sangue, de maneira ditatorial e totalitária.

A *Enciclopédia Judaica* continua relatando as lutas armadas travadas entre os Falasha e os gentios da Abissínia, sendo os Falasha derrotados e, às vezes, perseguidos. Uma dessas perseguições teve como resultado que, em 1626, os Falasha de Dembea, aterrorizados, segundo diz a Enciclopédia, pela crueldade do imperador, abraçaram massivamente o cristianismo[9]. Já sabemos, pelo que ocorreu de forma sistemática ao longo dos séculos, que essas conversões judaicas em massa ao cristianismo, ao islamismo ou a qualquer outra religião resultam apenas na criação de um JUDAÍSMO CLANDESTINO, encoberto pela máscara da religião supostamente adotada. Esses acontecimentos provocaram a existência de judeus clandestinos sob a máscara do cristianismo na Abissínia, que ajudaram muito o tirano imperador judeu Haile Selassie a manter o verdadeiro povo etíope submetido.

9 Jewish Encyclopedia, p. 330, 1ª col.

COMERCIANTES JUDEUS NEGROS DA ETIÓPIA NO MERCADO DE ADDIS ABEBA.

Foto retirada da Enciclopédia Judaica Castelhana, vol. 4. palavra: Etiópia, p. 332.

A *Enciclopédia Judaica* afirma que a queda da segunda dinastia JUDAICA já mencionada "**criou uma série de guerras civis que finalmente levaram o rei de Shoa ao poder da primeira dinastia SALOMÔNICA, que adotou o nome de Menelik II. Ano de 1889.**[10]" Mas, como já observamos em outro capítulo (ver o folheto nº 6 da Biblioteca de "Segredos Políticos", intitulado: "**A Quinta Coluna Judaica na Índia**"), essa conquista da Abissínia por um imperador judeu só pôde ser realizada com a ajuda criminosa do imperialismo britânico, já convertido em satélite do imperialismo judaico, devido ao controle exercido pelos judeus britânicos sobre o governo de Londres e sobre os monopólios bancários, industriais e comerciais estabelecidos na Inglaterra, que exploravam as riquezas e os povos das colônias do Império Britânico em benefício desses supercapitalistas judeus. Para esse fim, como já dissemos no capítulo acima mencionado, tropas britânicas do exército britânico-indiano, compostas e dirigidas parcialmente por judeus hindu Bene-Israel, invadiram a Abissínia e depuseram a dinastia gentia reinante em 1889, substituindo-a pela atual dinastia judaica do israelita Haile Selassie, que tiraniza e explora o povo etíope.

Quando o imperialismo judaico não consegue, por si só, por meio de sua quinta coluna em um país, tomar o controle do governo, recorre à intervenção armada estrangeira, ou a pressões econômicas ou diplomáticas exercidas por governos controlados pelo poder judaico, para remover o governo gentio e substituí-lo por um governo submetido ao controle oculto do imperialismo israelita. Esse papel sombrio foi desempenhado pelo imperialismo ianque durante os séculos XIX e XX até a Segunda Guerra Mundial, nos casos, é claro, em que a presidência dos Estados Unidos esteve nas mãos de um judeu clandestino ou de um fantoche maçônico gentio, fortemente controlado pelo poder judaico oculto.

A intervenção dos Estados Unidos no México e em outros países da América Latina frequentemente resultou na derrubada de governos patrióticos, substituindo-os por regimes controlados pelos MARRANOS, isto é, judeus clandestinos da América Latina, às vezes com a ajuda da Maçonaria, manipulada pelo poder israelita oculto. O imperialismo britânico foi utilizado pelo judaísmo com o mesmo objetivo em outros continentes.

10 Enciclopédia Judaica Castelhana. 4º vol. Vocábulo: Etiópia, p. 332, 1ª col.

ÍNDIOS JUDEUS MEXICANOS

Foto retirada de The Plot Against Christianity, de Elizabeth Dilling, publicada pela The Elizabeth Dilling Foundation, Lincoln, Nebraska, 1964, 3ª ed., p. 37.

A mistura de marranos espanhóis, ou judeus clandestinos espanhóis, com a raça nativa da América nas colônias do antigo Império Espanhol teve como consequência o nascimento de uma nova estirpe judaica, com grande mistura de sangue indígena. Esses marranos, em muitos casos, aparecem como índios de pele muito escura, de modo que ninguém consegue distingui-los dos verdadeiros índios ou híbridos dos países latino-americanos. Eles usam nomes cristãos e sobrenomes genuinamente espanhóis e a maioria professa publicamente a religião católica, sendo judeus apenas em segredo. Entretanto, um pequeno número deles abandonou a máscara do catolicismo para praticar o judaísmo em público. Esta imagem mostra a sinagoga pública da aldeia de Vento Prieta, localizada perto da Cidade do México, com alguns ÍNDIOS JUDEUS da classe pobre do lado de fora.

A dominação do imperialismo israelita sobre a Etiópia também foi facilitada porque nesse país existe uma religião cristã altamente judaizada em sua doutrina. A *Enciclopédia Judaica Castelhana* diz o seguinte a esse respeito: "**Após a conquista do Egito pelos maometanos, os etíopes adotaram o cristianismo monofisita da Igreja Copta no século VII, mas ainda conservam certos costumes judaicos. Observam o domingo (o grande sábado) e o sábado (o pequeno sábado); bem como a circuncisão de ambos os sexos no oitavo dia, a dança dos sacerdotes diante do Tabot, a construção de igrejas imitando o templo de Jerusalém, SUA PREFERÊNCIA PELO ANTIGO TESTAMENTO e sua esperança de retornar a Jerusalém. O sábado é observado como dia SANTO sob o nome de Sanbat. Além de certas práticas pagãs, eles também observam as regras alimentares previstas na Bíblia E A PROIBIÇÃO DE IMAGENS ESCULPIDAS.[11]"**

É necessário enfatizar que outros cristãos altamente judaizados em países como a Escócia e os Estados Unidos também facilitaram a dominação dessas nações pelo imperialismo judaico. Por isso o judaísmo agora — no controle da Igreja Católica — tenta judaizar progressivamente a Igreja para transformá-la em um instrumento eficiente de controle dos povos que professam essa religião, apesar da luta desesperada travada por alguns corajosos clérigos católicos, que denunciaram publicamente essa manobra perversa, como os autores do livro *The Plot Against the Church* e o sacerdote mexicano Joaquín Sáenz Arriaga, que teria provado que o papa Paulo VI é um judeu clandestino descendente de uma família israelita de Brescia, que se converteu falsamente ao cristianismo séculos atrás.

É por isso que esse clérigo católico afirma que a eleição de Paulo VI ao papado é nula e sem valor, como no caso do cardeal Pierleoni, que em 1130 foi eleito papa com o nome de Anacleto II. Essa eleição foi declarada inválida primeiro por São Bernardo e por vários concílios locais (franceses, alemães e de outros países) convocados pelos reis e pelo imperador alemão. Essa nulidade foi posteriormente confirmada pelo Segundo Concílio Ecumênico de Niceia, tomando como base a tese de São Bernardo de que a eleição de um cardeal judeu clandestino como papa era nula e sem valor, ainda que tivesse sido eleito por três quartos dos cardeais

11 Enciclopédia Judaica Castelhana, 4º vol., vocábulo: Etiópia, p. 331, 2ª col.

e reconhecido erroneamente por muitos anos como papa legítimo, como ocorreu com o cardeal Pierleoni[12].

12 Sobre a nulidade da eleição do Papa Anacleto II, por ser um judeu clandestino, veja o livro mencionado: "O Complô Contra a Igreja" de Maurice Pinay, quarta parte, caps. 25-26.

ÍNDIO JUDEU MEXICANO NA SINAGOGA ISRAELITA DE VENTA PRIETA, PRÓXIMO À CIDADE DO MÉXICO.

Foto retirada da grande e oficial obra judaica intitulada "Enciclopédia Judaica Castelhana", 7º vol., verbete: MÉXICO, p. 446, 1ª col.

Como os leitores podem ver, esse índio judeu mexicano tem a pele muito escura e parece um verdadeiro índio mexicano ou de outros países da América Latina.

BALTASAR LAUREANO RAMÍREZ, ADVOGADO

Foto retirada da "Enciclopédia Judaica Castelhana", 7º vol.
Verbo: México, p. 446, 2ª col.

Rabino da sinagoga de judeus indígenas do bairro de Peralvillo, na Cidade do México.

Seu nome e seus sobrenomes são espanhóis, e seu tipo é o de um híbrido latino-americano de sangue espanhol e indígena; embora seja um líder judeu.

Fomos informados de que o Rev. Saenz Arriaga afirma que, por essas e outras razões, Paulo VI é um antipapa, isto é, um falso Papa, um impostor, e que a Sé pontifícia está vaga, como já aconteceu antes na história da Igreja, e que, por esse motivo, os chefes de Estado católicos ou um ou dois bispos podem convocar um concílio geral imperfeito com a parte SADIA E ORTODOXA da Igreja (ainda que, no início, isso constitua uma minoria, como no caso de Pierleoni) para eleger um Papa legítimo. Isso foi o que ocorreu em outras ocasiões na história da Igreja, e há jurisprudência eclesiástica canônica suficiente para justificar tal procedimento; sobre esse assunto, Maurice Pinay cita documentos eclesiásticos em seu livro intitulado *"Um Papa Excomungado por Sua Negligência em Combater a Heresia"*[13].

Além disso, o Rev. Saenz Arriaga afirma que, por Paulo VI ser um judeu clandestino, ele vem preenchendo a Sé e o Colégio Cardinalício com outros judeus clandestinos, que estão demolindo a Igreja e transformando-a em um satélite do judaísmo e da subversão comunista liderada pelos judeus do Kremlin, por Fidel Castro e por outros líderes marxistas controlados pelo judaísmo. Todas essas informações foram reunidas por esse sacerdote em dois livros: *"A Nova Igreja Montiniana"* (primeira edição publicada pelo Christian Book Club of America, 1971) e *"Sé Vacante"* (Editores Asociados, S. de R. L., edição de 1973). Essas obras tiveram repercussão sensacional em todo o mundo, especialmente no mundo católico.

Sabemos também que Paulo VI ainda não ousou — ao menos até agora — reconhecer o Estado de Israel, precisamente por causa das acusações lançadas contra ele a partir de diferentes países, segundo as quais Paulo VI seria um judeu que tenta transformar a Igreja Católica em um satélite de Israel. Talvez ele acredite que esse reconhecimento daria mais fundamento a tais acusações, colocando-o em uma situação ainda mais difícil, especialmente se os árabes souberem tirar proveito dessa circunstância. Damos nossas mais cordiais felicitações a todos os clérigos e civis católicos que lutam contra o novo Judas, que tenta converter a Igreja Católica em um instrumento de Israel, que ao longo dos séculos se mostrou o pior inimigo de Cristo e de sua Igreja.

13 Maurice Pinay: "Um Papa Excomungado pela Santa Igreja Católica, por sua negligência em combater a heresia". Primeira Edição Espanhola, Roma, abril de 1967.

FAMÍLIA DE MARRANOS OU JUDEUS CLANDESTINOS DO CHILE,
DA PROVÍNCIA DE CAUTÍN.

Foto retirada do "JEWISH ENCYCLOPEDIC HANDBOOK", de Pablo Link, "Israel Publishing House", Buenos Aires, 1950, p. 97.

O tipo desses marranos chilenos é genuinamente espanhol; sua pele é branca.

Um grande setor dos judeus clandestinos da América Latina, incluindo o Brasil, não se misturou com a raça nativa da América e é de raça branca, descendendo de espanhóis e portugueses. Há alguns inclusive de cabelos loiros e olhos azuis, descendentes da mistura de judeus com visigodos germânicos da Espanha e com os vândalos germânicos de Portugal. No entanto, os nomes desses marranos são cristãos e seus sobrenomes são portugueses ou espanhóis; todos professam publicamente a religião católica e são judeus em segredo. Eles lideram os movimentos marxistas na América Latina e as guerrilhas marxistas rurais e urbanas, assim como o clero católico chamado "progressista", que está a serviço de Moscou.

INDÍGENA MEXICANA JUDIA

Foto retirada do Sunday News, por Elizabeth Dilling. The Plot Against Christianity, publicado pela The Elizabeth Dilling Foundation, Lincoln, Nebraska, 1964, 3ª ed., p. 37.

É impossível distingui-la de outros nativos da América Latina.

Não é surpreendente, portanto, que Paulo VI utilize seus clérigos judeus clandestinos no mundo capitalista para semear a subversão em benefício do comunismo judaico, em um acordo secreto com o Kremlin, e que Paulo VI também tente usar o clero católico na China Popular e na Albânia como agente de subversão e espionagem em benefício do imperialismo soviético. Por essa razão, de maneira muito habilidosa, ele tentou elogiar o regime maoísta e conquistar sua confiança para obter permissão para enviar jesuítas e outros tipos de missionários, com a missão secreta de semear a subversão e espionar na China e na Albânia a serviço de Moscou.

É um verdadeiro crime que Paulo VI esteja usando o clero católico para fins tão contrários à Igreja criada por Cristo, traindo sua doutrina como Judas, o que não é compatível com a doutrina dos dirigentes do Kremlin, que são ajudados constantemente de diversas maneiras por Paulo VI, apoiado por seus colaboradores tanto no alto quanto no baixo clero. Trata-se de algo semelhante ao papel desempenhado na China por algumas igrejas protestantes controladas pelo judaísmo, que não passam de infiltradas na China do **SUPER-IMPERIALISMO JUDAICO**, seja a serviço do imperialismo judaico capitalista, seja do imperialismo socialista de Moscou, conforme a conveniência do super-imperialismo israelita.

Durante a conquista da Etiópia pelo imperialismo fascista italiano, o vice-rei etíope, Duque de Aosta, tentou extirpar o judaísmo naquele país, mas cometeu os mesmos erros que, durante séculos, cometeram cristãos e muçulmanos. Ele promulgou decretos dissolvendo as comunidades israelitas de Adis Abeba e Dire Daua, pensando ingenuamente que isso seria suficiente para pôr fim a elas. A única coisa que conseguiu foi o desaparecimento dessas comunidades da superfície, para afundarem na clandestinidade, como já havia ocorrido em outras ocasiões.

Quando o imperialismo britânico recolocou o imperador judeu Haile Selassie no trono, o judaísmo tornou-se radiantemente forte na Etiópia e foi reforçado por novas imigrações. A esse respeito, a Enciclopédia Judaica Castelhana afirma que: “**a imigração judaica para o país recomeçou após a libertação do país, durante a Segunda Guerra Mundial. O**

imperador Haile Selassie CHAMOU VÁRIOS ASSESSORES E TÉCNICOS JUDEUS DA PALESTINA E DE OUTROS LUGARES[14]”

…

Isso não foi suficiente para o tirano judeu Haile Selassie e seus assessores judeus negros etíopes. Pelo contrário, de maneira descarada, ele trouxe assessores e técnicos judeus de Israel e de outros lugares. Não é surpreendente, pela mesma razão, que especialistas nessas questões considerem o governo do usurpador imperador Haile Selassie tão judeu quanto os de Israel e da União Soviética, e que, por isso e por outros motivos já mencionados neste capítulo, a ABISSÍNIA OU ETIÓPIA tenha sido transformada pelo imperialismo judeu em um instrumento muito poderoso para exercer controle ou influência diplomática sobre as nações negras da África e sobre as nações do terceiro mundo — chamadas neutralistas —, praticando uma diplomacia maquiavélica sempre tendente a exercer o maior controle possível nesses campos e a impedir a influência de verdadeiros líderes gentios, que poderiam conduzir as nações negras, o mundo neutralista em geral e o mundo subdesenvolvido à sua verdadeira libertação do super-imperialismo judeu e de seus tentáculos: o imperialismo capitalista judeu dos trustes, o imperialismo comunista judeu do Kremlin, de Belgrado ou de Havana, o sionismo ou até mesmo o imperialismo judeu negro da Etiópia.

Isso explica por que tanto os governos capitalistas dos Estados Unidos e da Inglaterra quanto o chamado governo socialista do Estado de Israel, bem como a União Soviética, ajudaram — em uma coincidência surpreendente — o tirano imperador Haile Selassie da Etiópia nos campos econômico e militar, para resolver suas dificuldades internas e para combater de forma sangrenta os patriotas somalis que lutam por sua independência, bem como os patriotas etíopes que, às vezes, se rebelam contra o regime judeu despótico que os oprime.

14 Enciclopédia Judaica Castelhana, 4º vol. Vocábulo: Etiópia, p. 332. 2ª col.

LÍDER JUDEU NEGRO DOS ESTADOS UNIDOS

*Foto retirada da **Enciclopédia Judaica Castelhana**, vol. 8, verbete: **"Judeus Negros"**, p. 107, 1ª coluna.*

Rabino de uma congregação negra dos Estados Unidos.

A libertação da Abissínia da garra tirânica da usurpadora dinastia judaica, na pessoa de Haile Selassie, que oprime o povo etíope, não apenas os libertaria da exploração judaica que os oprime, como também destruiria um dos poderes judaicos locais que conspiram na **Organização da Unidade Africana** e em outras organizações dos povos subdesenvolvidos, impedindo que os verdadeiros líderes patrióticos possam conduzi-los, de forma unida, à real libertação das garras imperialistas em todos os aspectos.

Faremos agora um breve estudo de outras comunidades judaicas negras semelhantes aos Falashas da Etiópia, que se encontram espalhadas por diferentes países da África negra.

O líder judeu israelita rabino Jacob Solomon Raisin, escrevendo sobre os judeus negros da África, diz que "**reminiscências raciais semelhantes (às dos Falashas) são encontradas nas regiões ao redor do lago Alberto, do lago Eduardo, do lago Niassa e no território de Tanganica**", e continua afirmando que "**na Somalilândia e na ilha de Moçambique, antes da Era Cristã, houve fortes emigrações judaicas que, segundo uma tradição, partiram das grandes cidades comerciais do Iêmen, de Áden e de Hadramaut**".

Mais adiante, o referido rabino se refere a outros núcleos judaicos de grande importância na África negra, dizendo textualmente: "**Esses países da 'Ultima terra', como os romanos os chamavam, foram o ponto de partida para os judeus exilados nas terras africanas dos negros. A queda de Jerusalém e a desastrosa insurreição de Bar Kokba forçaram muitas quadrilhas judaicas a fugir da vingança romana o mais longe possível. Jerônimo diz que eles estabeleceram uma cadeia ininterrupta de colônias desde a Mauritânia até a Índia. Graças aos seus esforços, Gana — no Sudão francês — tornou-se um importante centro comercial**"[15]. É muito interessante notar que Gana é um dos centros mais importantes do judaísmo negro; também coincidente com isso é o fato de ser igualmente um dos centros mais importantes da agitação comunista entre os povos da raça negra. É muito frequente — como se

15 Rabino Jacob Solomon Raisin. "Gentile Reactions to Jewish Ideals"32, sob a editoria de Herman Hailperin. Rabino e professor universitário de Pittsburgh, Pa. Edição de Nova York 1953. Páginas 424 a 427.

pode ver — essa coincidência na história, que consiste em que os lugares majoritariamente habitados por judeus sejam, como é natural, os principais centros da agitação revolucionária de origem hebraica.

O referido rabino continua a dar detalhes sobre os judeus negros da África, dizendo: "**Há vestígios de hebraísmo espalhados entre os tuaregues e muitas tribos do território nigeriano que afirmam ter ascendência hebraica, especialmente nas regiões do Lago Chade, Bornu e Sokoto.**" "**Ainda há um sabor judaico nos preceitos dos fulani e de outras tribos da região do Cabo Verde e do Senegal, ao longo da costa africana sudoeste, em torno do Congo e da Guiné. No Daomé há uma comunidade judaizada; eles têm um templo onde oferecem sacrifícios; também possuem um Pentateuco escrito em 'pergaminho' e guardam o sábado e outras cerimônias judaicas.**" O erudito rabino termina informando sobre outra comunidade composta por cerca de 400 famílias[16], que dizem ter ancestrais semitas. Alguns deles são chamados Am Yah Khayyun ou Emo Yo Quayim (povo do Deus vivo) e outros, Bnai Efraim (filhos de Efraim). O referido líder israelita fala depois de muitas tribos infiltradas nos países árabes do Norte da África[17].

A Enciclopédia Judaica Castelhana fornece informações sobre alguns judeus da África negra que são considerados pelo judaísmo como meros Prosélitos da Porta, mas que, como se mostra, também são controlados e fortemente dirigidos pelo imperialismo judaico. A respeito desses negros gentios de religião israelita, a Enciclopédia diz: "**Também em outras regiões da África foram encontrados negros de religião judaica. Adolf Bastian identificou como tais os MAVAMBU, na costa de Loango, África Ocidental. Eles guardam o sábado. Em Madagascar, há uma seita chamada 'Zafy Ibrahim' (descendentes de Abraão) que guarda alguns ritos judaicos.**" E, quanto aos verdadeiros judeus negros, isto é, aqueles que têm origem israelita, a Enciclopédia acrescenta que: "**Por fim, encontramos alguns povos negroides entre os judeus do Norte da África**"[18].

16 Os censos judaicos são geralmente feitos pelo número de famílias e não pelo número de pessoas.
17 Rabino Jacob Solomon Raisin, pp. 427-429.
18 Enciclopédia Judaica Castelhana, 8º vol., vocábulo: JUDEUS NEGROS, p. 107, 1ª col.

É por isso que a quinta coluna judaica entre os povos negros africanos é numerosa e ramificada; eles tentaram tomar os governos de várias nações negras quando estas obtiveram sua independência, especialmente nas antigas colônias britânicas, onde judeus que manipulam o imperialismo britânico fizeram todo o possível — às vezes com sucesso — para colocar seus irmãos judeus negros nos governos dos novos Estados independentes. Alguns desses judeus negros conseguiram estabelecer ditaduras totalitárias de tipo comunista com o apoio dos judeus do Kremlin e do judeu marrano Fidel Castro, que envia assessores militares para treinar seus exércitos.

O pior é que muitos judeus negros, incluindo os Prosélitos da Porta, são os principais agentes a serviço do Kremlin para derrubar os governos nacionalistas negros e substituí-los por ditaduras totalitárias de tipo bolchevique, satélites do imperialismo judaico soviético. Esses judeus negros também procuram controlar os movimentos de independência das poucas colônias ainda restantes na África negra, incluindo as de Portugal e da Espanha, eliminando do controle desses movimentos os verdadeiros patriotas negros. Não porque o Judaísmo esteja interessado na libertação das nações negras do domínio colonial, mas porque pretende substituir esse domínio pelo domínio de judeus negros sobre as nações que obtêm sua independência, para conduzi-las posteriormente à ditadura totalitária judaica, encoberta pela máscara comunista.

O superimperialismo judaico utiliza seus outros imperialismos satélites para controlar os países da África negra. Esses imperialismos são o imperialismo capitalista judaico, o imperialismo sionista do Estado de Israel e o imperialismo negro da Etiópia, de modo que muitos judeus negros servem como agentes desses imperialismos conforme a conveniência, em cada caso, para o superimperialismo judaico. Felizmente, alguns governos deixados no poder pelo imperialismo britânico foram derrubados pelos militares, frustrando assim a manobra judaica. Por outro lado, os patriotas negros, na maioria dos casos, têm conseguido o controle sobre os governos de suas nações, sempre com a ajuda do exército, que, como em outras partes do mundo, constituiu a melhor defesa dos povos contra o imperialismo judaico e seus poderes

ocultos que lideram a subversão. Além disso, a interferência da China comunista na África negra conseguiu frustrar muitas manobras da União Soviética e de seus satélites, o que também causou grande indignação aos israelitas do Kremlin. Alguns estados árabes também intervieram em defesa dos patriotas negros. No entanto, é necessário ter muito cuidado para não apoiar os judeus negros mascarados de patriotas socialistas negros.

É altamente necessário aprofundar as investigações sobre as infiltrações judaicas negras nos países da África negra, porque somente extirpando as raízes — essas quintas-colunas do super-imperialismo judaico — as nações negras assegurarão sua verdadeira libertação do inimigo oculto que as ameaça seriamente. Judeus negros, seja de origem etíope, seja de outros países africanos, também se infiltraram tanto na população negra dos Estados Unidos quanto na da América Latina e das antigas colônias britânicas das Antilhas e da Guiana.

Eles tentam controlar a população negra e, especialmente, seu governo em todos os lugares. Outros semeiam revoltas e subversão onde quer que seja conveniente para o Judaísmo.

Quanto aos Estados Unidos, devemos lembrar o que diz o rabino Jacob Solomon Raisin ao referir-se à origem do judaísmo negro nessa grande potência: "**A primeira congregação judaica de pessoas de cor nos Estados Unidos foi fundada em 1889, quando o rabino Leon Richlieu, um etíope, fundou o Moorish Temple of Zion.**" Mais adiante, a respeito dos negros judaizados das Antilhas britânicas, ele afirma, referindo-se aos Estados Unidos, que: "**O número aumentou com negros judaizados das Índias Ocidentais; congregações judaicas negras foram organizadas em Chicago, Cleveland, Newark, Youngstown, Asbury Park e outros lugares. Atualmente, na 'Pequena África' em Harlem (bairro negro de Nova York), somente os membros desse local ultrapassam dois mil.**[19]"

Entre os negros, como em todas as demais comunidades raciais menos infiltradas pelo Judaísmo, o imperialismo israelita promove, como

19 Rabino Jacob Solomon Raisin. "Gentile Reactions to Jewish Ideals"33, Nova York, 1953, p. 792.

já disse antes, o proselitismo de porta para ampliar sua força de controle incondicional. Mas, no caso de algumas comunidades negras, os judeus imperialistas estão utilizando o mesmo engodo e a mesma mentira que empregam no Japão, isto é, fazem-nos acreditar na grande falsidade de que a raça negra descende de uma das tribos judaicas perdidas da Antiguidade. Muitos negros foram enganados com a afirmação de que descenderiam nada menos que da tribo de Judá. Isso é confirmado pelo líder israelita rabino Jacob S. Raisin, que afirma textualmente: "**Entre alguns negros, prevalece a crença de que aceitar o Judaísmo significa nada menos do que retornar à religião de seus antepassados, que pertenciam à tribo de Judá**"[20]. A verdade é que foram os próprios judeus negros que difundiram essa grande mentira para facilitar o proselitismo de porta entre os negros gentios, nos países e lugares onde isso é necessário ao imperialismo israelita, e, por meio da conversão de negros à religião de Israel, aumentar o número de fantoches obedientes que podem ser usados como instrumentos do imperialismo judaico para controlar a população negra e utilizá-la como satélite do Judaísmo.

Entretanto, os negros enganados por essa falsidade sofrerão algum dia dolorosas decepções quando, acreditando ser judeus verdadeiros, quiserem exercer seus direitos como tais; serão racialmente discriminados de maneira brutal, como já ocorreu com os desgraçados prosélitos de porta da raça branca e de outras raças que tentaram exercer seus direitos como judeus, do modo que expusemos em outro capítulo deste livro (ver o livreto nº 3 da Biblioteca de "Segredos Políticos", intitulado "**O que é o Judaísmo?**", capítulo terceiro, dedicado ao estudo dos prosélitos de porta ou judeus espirituais

O objetivo do super-imperialismo judaico nos Estados Unidos é, utilizando sua quinta coluna infiltrada entre os negros, controlar essa minoria racial em benefício dos planos judaicos.

Então, por exemplo, o rabino Jacob S. Raisin afirma que os judeus negros dos Estados Unidos "se identificam com as esperanças e aspirações dos judeus brancos, participando das atividades do sionismo e

20 Rabino Jacob Solomon Raisin, p. 793.

compartilhando seus sentimentos com as vítimas do nazismo”[21]. Atualmente, como os Estados Unidos e seu sistema democrático capitalista constituem um obstáculo ao triunfo mundial do totalitarismo judaico encoberto pela máscara do comunismo, muitos líderes judeus negros se dedicam a explorar o ressentimento dos negros contra as pessoas de raça branca para provocar a luta racial nos Estados Unidos, o que, em determinado momento, gera anarquia e caos nesse país, enfraquecendo-o militarmente em benefício da União Soviética.

A esse respeito, é bastante ilustrativo o que uma fonte judaica altamente autorizada, o líder israelita rabino Jacob Solomon Raisin, afirma em seu livro acima mencionado, sobre a maneira como um dos rabinos judeus, David Kohl, da “**Chevrah Anshe Sh’horim**”, associação de negros, inflama o espírito dos judeus negros ao lhes dizer: “**Vocês são judeus; o judaísmo é a sua religião e sua língua é a língua hebraica. Durante os últimos 400 anos, vocês adoraram deuses estrangeiros e foram submetidos e dominados entre os estrangeiros (isto é, os americanos) durante todos esses anos. Mas o judeu branco também esteve entre estrangeiros. Ele esteve na ‘Golus’. Estudem sua história e verão que houve pogroms na Rússia, Polônia e em toda a Europa, exatamente como os negros sofreram incêndios e linchamentos no Sul (dos Estados Unidos).**” Em seguida, ele se refere à aliança que deve ser estabelecida entre os judeus e a raça negra nos Estados Unidos contra a opressão dos brancos, quando afirma textualmente: “**Judeus e negros devem acolher uns aos outros, porque o judeu é o melhor amigo do negro ... Chegou o momento de quebrar o jugo e unir nossas mãos com Jacó e gritar ‘Shema Israel, Adhoshem Elokenu, Adoshem Echad**’”[22].

Somente o cinismo teatral dos judeus pode chegar ao ponto de fingir ser não apenas os grandes amigos e aliados dos negros, mas também seus redentores. É chocante que os israelitas agora tentem enganar os negros com essa nova mentira. Para que se possa julgar a sinceridade dos judeus como supostos grandes amigos e redentores dos negros, é extremamente necessário que os leitores estudem o próximo capítulo deste livro, onde

21 Rabino Jacob Solomon Raisin, p. 793.
22 Rabino Jacob Solomon Raisin, p. 793.

demonstramos, com autoridade, que foram os judeus os principais responsáveis pelas desgraças sofridas pelos negros tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina, porque comerciantes judeus criminosos trouxeram os escravos acorrentados — amontoados como se fossem animais — em navios imundos desde sua terra natal, a África, onde eram livres, para vendê-los como escravos no Novo Mundo. Esses traficantes israelitas criminosos obtiveram enormes lucros em dinheiro com o mais gigantesco e brutal genocídio já realizado na história da humanidade.

No próximo capítulo, começaremos com uma breve história sobre o comércio de escravos judeus desde os primórdios mais remotos, para terminar com o infame comércio judeu de escravos negros ao qual nos referimos no parágrafo acima.

Felizmente, tanto entre os negros nos Estados Unidos e no restante do Novo Mundo, quanto na África, surgiram setores fortes que tomaram consciência do fato de que os judeus são seus inimigos, embora se disfarcem de amigos e redentores. Sem dúvida, o Islã teve grande influência no surgimento dessa tendência saudável. A leitura do próximo capítulo deste livro será útil para os negros que ainda duvidam desses fatos, para que se convençam da nua verdade.

CAPÍTULO II

Judeus: Comerciantes de Escravos

Os judeus tentaram tirar proveito do ressentimento dos negros dos Estados Unidos contra os brancos ao longo dos séculos em que foram submetidos primeiro à escravidão e, depois, a uma exploração econômica mais sutil.

O imperialismo judaico explora qualquer circunstância favorável para controlar e dirigir os gentios em benefício de seus planos secretos de dominação. Durante um século e meio, os israelitas trabalharam em benefício dos Estados Unidos para utilizar o poder dessa nação em favor de seus próprios interesses. Dessa forma, os Estados Unidos transformaram-se em cães de ataque de Israel. Mas agora que o judaísmo conseguiu estabelecer Estados totalitários onde sua dominação é absoluta e indiscutível, como a União Soviética, a Iugoslávia e outros, ele atua atualmente em benefício do comunismo judaico e contra os Estados Unidos, onde seu poder, embora grande, não é nem absoluto nem totalitário. Os judeus, com a ingratidão que os caracteriza, agora traem essa nação que mais do que qualquer outra os ajudou a alcançar a dominação mundial; mas continuam a usar os Estados Unidos sempre que precisam de seu apoio em benefício do Estado de Israel ou de qualquer outro empreendimento judaico.

Nos Estados Unidos, no entanto, os judeus trabalharam para envolver os negros contra os brancos, a fim de incentivar a luta racial e enfraquecer o país, mas principalmente para controlar e manipular os negros, consolidando a dominação judaica nos Estados Unidos; os israelitas aparecem como libertadores e defensores da população negra daquela nação. Mas é evidente que, embora sejam realmente justificáveis os ressentimentos dos negros contra os brancos por causa dos anos de escravidão e discriminação, seria um desastre para eles mesmos e para o resto da humanidade que os negros permitissem que os judeus imperialistas os conquistassem e dominassem: eles fingem, desde a Guerra

de Secessão, ser seus libertadores e amigos, mas esses israelitas foram os piores exploradores da população negra e os principais responsáveis pela escravidão que sofreram, como mostrarei com provas incontestáveis após relembrar a história do comércio de escravos judeu.

A *Enciclopédia Judaica*, sob a entrada "**comércio de escravos**", diz o seguinte:

"**No início, o comércio de escravos judeus era proibido, mas parece que não havia restrição legal (judaica) para a compra e venda de escravos gentios. Com a dispersão das nações na Europa e o surgimento do conflito entre arianos[23] e católicos na Espanha por razões religiosas, os judeus tiveram a oportunidade… de fornecer escravos a ambos os lados. "Na Itália, nos tempos do Papa Gregório, o Grande (590-604), os judeus se tornaram os principais comerciantes nesse tráfico (de escravos)… Jacobs indicou que escravos britânicos expostos no mercado romano para venda estavam nas mãos de comerciantes judeus.**" (Jacobs, *Jews of Angevin England*, página 51) … E a Enciclopédia Judaica — obra judaica de valor incontestável — continua afirmando o seguinte: "**Com o surgimento do Islã, os judeus tiveram a grande oportunidade de fornecer ao mundo cristão escravos muçulmanos, e também forneceram ao mundo islâmico escravos cristãos; Ibn Khordadhbeh, no século IX, descreveu os dois caminhos pelos quais os comerciantes judeus de escravos levavam escravos ocidentais para o Oriente e escravos orientais para o Ocidente.**" "**Segundo Abraham Ibn Yakub, os judeus bizantinos regularmente levavam escravos a Praga para vendê-los como escravos**" **… "Sem dúvida, muitos judeus espanhóis enriqueceram devido ao comércio de escravos" … "Judeus de Verdun (França), por volta de 949, compravam escravos para vendê-los na Espanha" … "A Igreja protestou repetidamente contra a venda de cristãos (como escravos) aos judeus; o primeiro protesto ocorreu em 538. No 3º Concílio de Orleães, foi aprovado um decreto proibindo que os judeus possuíssem escravos ou servos cristãos, e essa proibição foi repetida várias vezes**

23 A Jewish Encyclopedia se refere aos Visigodos Arius quando diz Arianos.

em diferentes concílios, como o de Orleães em 541, o de Paris em 633, o 4º Concílio de Toledo em 633, os Concílios de Szaboles (0921), Ghent (1121), Narbonne (227), Béziers[24]**"**… Essas proibições tão repetidas nos diferentes concílios indicam que, apesar delas, os judeus retrocederam na posse e venda de escravos cristãos. No Islã, também foram publicadas leis proibindo os judeus de possuírem escravos muçulmanos e de se dedicarem à sua venda, mas os israelitas, assim como no cristianismo, burlaram as leis proibitivas e continuaram a enriquecer-se com a mais criminosa exploração do homem pelo homem que já existiu.

O líder israelita Rabino Jacob Solomon Raisin, escrevendo sobre os judeus na Hungria no século X, diz: "**Como em OUTROS PAÍSES, eles se dedicavam ao comércio, especialmente com a Boêmia, levando escravos NÃO-JUDEUS**"[25], ou seja, gentios.

Como o comércio de escravos era um negócio tradicional dos judeus, eles fizeram o possível para obter permissão dos reis gentios para comprar e vender escravos. Entre as concessões que conseguiram no império de Carlos Magno, durante o reinado de Luís "o Piedoso", puderam comprar e vender escravos pagãos[26]. Foi fácil para eles obter essa e outras concessões do imperador Luís, porque quem realmente governava durante seu lamentável reinado era a imperatriz Judite, que, segundo o historiador francês Guy Breton, era uma bela jovem israelita que entrou a serviço do imperador como criada, mas mais tarde conquistou o imperador com sua beleza, primeiro tornando-se sua concubina e depois persuadindo o rei — que estava completamente dominado por ela — a casar-se com ela, tornando-se assim imperatriz do império carolíngio, que então era praticamente governado por ela, diante da indignação e escândalo dos nobres e do povo, que se levantaram contra a dominação da "JUDAICA", como todos a chamavam. Ela foi responsável por, quando este triste imperador morreu, o império ter sido dividido em três reinos, sem manter a unidade desejada pelo fundador Carlos Magno. Mais tarde, a imperatriz israelita organizou tudo para eliminar os sucessores indicados por Luís "o

24 Jewish Encyclopedia, 9º vol. Vocábulo: TRÁFICO DE ESCRAVOS, pp. 402-403.
25 Rabino Jacob S. Raisin. "Gentile Reactions to Jewish Ideals"34, p.635.
26 Rabino Jacob S. Raisin. "Gentile Reactions to Jewish Ideals", p. 442.

Piedoso", que eram os filhos de seu primeiro casamento, para que pudesse controlar a sucessão quando o imperador morresse; ela obteve sucesso parcial nesse plano.[27]

Este capítulo seria longo demais se eu continuasse mencionando os inúmeros casos em que os israelitas se dedicaram ao comércio criminoso de compra e venda de escravos em todo o mundo. Séculos antes do surgimento do regime capitalista — outra criação israelita — os judeus transformaram esse comércio em um dos monopólios que lhes proporcionava maior lucro. Mencionarei apenas agora o papel desempenhado pelos judeus no infame comércio de escravos negros da África para a América do Norte e do Sul.

A *Enciclopédia Judaica Castelhana,* diante das acusações tão generalizadas contra os judeus em todo o mundo por se dedicarem e quase monopolizarem o infame comércio de escravos, tenta defendê-los de uma forma que pode ser tão facilmente refutada. No entanto, essa enciclopédia — ao falar sobre o comércio de escravos negros da África para a América — confessa o seguinte: "**Quando, no início do século XVI, escravos negros foram introduzidos na América, encontramos MAIS UMA VEZ judeus espanhóis, portugueses e holandeses entre os comerciantes e proprietários de escravos**"[28].

Com relação aos judeus espanhóis, é necessário lembrar que, desde a descoberta da América por Cristóvão Colombo, eles tentaram obter — por intermédio do descobridor — dos reis da Espanha a autorização para considerar os aborígines do Novo Mundo como escravos; esse negócio lhes teria proporcionado grandes lucros, submetendo milhões de índios à escravidão, para vendê-los depois como escravos no restante do mundo, assim como fariam anos mais tarde com milhões de negros do continente africano.

A *Enciclopédia Judaica* diz que havia cinco judeus que acompanharam Cristóvão Colombo em sua primeira viagem, um deles chamado Luis de

27 Guy Breton, "Histórias de Amor da História Francesa", edições Noir et Blanc, Paris 1955, primeiro volume. Veja todo o capítulo sete. Sobre o domínio de Judite no império de Carlos Magno, veja também: Maurice Pinay "O Complô Contra a Igreja", edições citadas, capítulo 20 da quarta parte.

28 Enciclopédia Judaica Castelhana, 4º vol., vocábulo: ESCRAVIDÃO, p. 127, 2ª col.

Torres[29]. A *Enciclopédia Judaica Castilhana* indica quem eram os outros quatro, dizendo a esse respeito: "**Entre os companheiros de Colombo, alguns podem ser mencionados como de origem judaica; Luis de Torres, INTERPRETE, que conhecia hebraico, caldeu e um pouco de árabe; Alonso de la Calle, Rodrigo Sánchez de Segóvia, parente do Tesoureiro Gabriel Sánchez, que acompanhou Colombo por desejo expresso da Rainha; Marco Cirujano e o médico e boticário do navio, Bernal, que havia recebido punição da Inquisição de Valência por ser judaizante (isto é, por praticar o judaísmo em segredo) em 1490. Luis de Torres foi o primeiro europeu a pisar no continente americano e foi enviado por Colombo para procurar o Grande Jan Asiático e prestar-lhe as homenagens do Almirante. A expedição de Torres a Cuba viu os índios fumando tabaco e trouxe folhas dessa árvore para a Europa. Posteriormente, Torres estabeleceu-se na ilha de Cuba, obtendo terras e ESCRAVOS, além de uma pensão anual dos reis espanhóis**"... "**Luis de Torres foi o PRIMEIRO JUDEU a viver e morrer em terra americana**"[30].

O investigador Malcolm Cowley afirma que Sánchez, ajudado pelos outros quatro judeus mencionados, convenceu Colombo a capturar 500 índios para vendê-los como escravos em Sevilha, Espanha[31]. Por essa razão, Luis de Torres e Rodrigo Sánchez foram os primeiros traficantes de escravos na América; mas seu comércio criminoso foi interrompido a tempo e proibido devido à decidida intervenção da Rainha Isabel "a Católica" da Espanha, que, além de seu marido Fernando, PROIBIU A ESCRAVIDÃO DOS ÍNDIOS NOS DOMÍNIOS ESPANHÓIS, estabelecendo penalidades severas para aqueles que tentassem escravizar os indígenas. Essa disposição de proteção aos índios contra as tentativas israelitas de escravizá-los foi reforçada e consolidada após a conquista espanhola da América com a promulgação das famosas LEIS DAS ÍNDIAS, que, além de proibir a escravidão dos índios no império espanhol, os protegiam contra exploração, maus-tratos e o despojo de suas

29 Jewish Encyclopedia. 1º vol., vocábulo: América.

30 Enciclopédia Judaica Castelhana, 1º vol., vocábulo: DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA, pp. 256, 2ª col., 257, 1ª col.

31 Malcolm Cowley, "Aventuras de um African Slover"35. Edições de 1928, página 11.

terras. O fato de a Espanha ter evitado que os judeus realizassem o gigantesco negócio do comércio de índios escravizados que haviam projetado e iniciado é mais uma razão para o ódio atávico que os israelitas nutrem contra a Espanha, bem como para a criação e difusão da chamada lenda negra caluniosa contra esse país, publicada pelos judeus e seus satélites em todo o mundo há séculos, em livros de história, romances, obras científicas, filmes etc.

Continuando com o tema do comércio criminoso de escravos negros iniciado pelos judeus nas colônias britânicas da América do Norte, que, após sua independência, se tornaram os Estados Unidos, foi na cidade portuária de Newport, na costa atlântica, que os israelitas estabeleceram o centro mundial do comércio de escravos negros. Dali zarpavam navios para a África, para serem carregados de escravos negros que eram levados de volta a Newport para serem vendidos nas antigas colônias britânicas do Sul, que aceitavam esse comércio infame, enquanto as colônias do Norte sempre o proibiram. Outro grande centro do comércio de escravos era a cidade de Charleston. Ao mesmo tempo, Newport e Charleston eram também grandes centros judaicos, a ponto de Newport ser conhecida então como a “NEWPORT JUDAICA”, onde os israelitas fabricavam grandes quantidades de rum para vender aos índios, promovendo assim o vício da embriaguez, o que lhes proporcionava enormes lucros.

Está confirmado que, em apenas um ano, de 128 navios destinados a Charleston para transportar escravos negros, 120 foram fretados por judeus, tanto de Newport quanto de Charleston; isso demonstra que os judeus possuíam quase o monopólio do comércio criminoso de escravos negros.

Um dos israelitas mais distintos que controlou o comércio de escravos negros foi o judeu português Aaron Lopez, que possuía toda uma frota de navios destinados a trazer escravos, a maioria fretada em seu próprio nome. Uma investigação sobre este assunto, intitulada “Who Brought the Slaves to the United States”, de onde retiramos esta informação, também indica que os documentos existentes sobre o tema mostram que o judeu Aaron Lopez, entre os anos de 1726 e 1774, fretou sob seu próprio nome

cinquenta por cento dos navios encarregados de trazer escravos da África, e que ele também possuía outros navios fretados em nome de pessoas de sua confiança. A maioria dos demais navios destinados ao comércio de escravos negros também aparece fretada por judeus. Ao mesmo tempo, em 1749, os judeus dessa região fundaram a primeira loja maçônica com quatorze irmãos, todos judeus. Vinte anos depois, os israelitas fundaram a segunda loja maçônica chamada “King David” (o rei judeu David); todos os membros fundadores eram também judeus[32]. Como dissemos, é um sistema do Imperialismo Israelita fundar suas organizações subversivas com uma célula inicial composta por judeus públicos ou clandestinos, posteriormente recrutando gentios crédulos, usados de forma enganosa como instrumentos cegos dos planos políticos ou sociais do poder oculto do judaísmo.

Mas esses fatos nos mostram mais uma vez o grau atingido pela hipocrisia judaica, pois enquanto as comunidades israelitas da região fundavam ali a Irmandade Maçônica Secreta que levantava as bandeiras da liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens, e cujo objetivo oculto era promover a revolução — derrubando as monarquias gentílicas e substituindo-as por repúblicas — ocultamente controladas pelo judaísmo, membros destacados dessas comunidades israelitas realizavam a mais criminosa tentativa contra a liberdade, igualdade e fraternidade dos homens ao trazer para a América do Norte milhões de negros que seriam submetidos à ignominiosa escravidão.

Sobre a origem da escravidão nos Estados Unidos, é necessário levar em consideração que, antes de 1661, as 13 colônias britânicas que formaram a nação americana quando se tornaram independentes, possuíam leis que proibiam a escravidão.

Foram os judeus que, desde aquela época, começaram a trabalhar incansavelmente para conseguir a revogação dessas leis e que a escravidão fosse permitida nessas colônias, especialmente a entrada de escravos negros nessas regiões. A esse respeito, os judeus perceberam que os colonos britânicos e europeus precisavam de mão de obra adicional para

32 "Quem Trouxe os Escravos para a América"36, edições Western Front, P. O. B. 27854, Hollywood, Califórnia, EUA, pp. 5-6.

suas plantações, construção de casas e cultivo de lavouras. No início, pobres europeus e prisioneiros fugidos da cadeia eram usados para realizar esse trabalho, assim como prisioneiros da guerra contra a Holanda, que eram obrigados a pagar as despesas de transporte e alimentação com trabalho nas plantações e na construção de casas; posteriormente, eles eram liberados para trabalhar no que desejassem.

Considerando essa situação, judeus destacados de Newport e Charleston descobriram que seria um grande negócio subjugar os índios americanos à escravidão, vendê-los aos colonos e lucrar enormemente com isso. Porém, chegaram à conclusão de que os negros africanos tinham mais força para realizar esse trabalho e decidiram iniciar o comércio de escravos negros, comprando os nativos africanos na costa ocidental da África por um preço muito baixo e vendendo-os depois na América como escravos a um valor várias vezes maior, obtendo assim enormes lucros.

Mas as leis que proibiam a escravidão nas colônias impediram o desenvolvimento desse gigantesco e criminoso negócio. Por isso, os judeus que o idealizaram trabalharam em todos os tipos de artifícios para conseguir que essas leis proibitivas do comércio de escravos fossem revogadas. Basta revisar quem foram as pessoas que lutaram para obter essa revogação para provar que eram judeus. Assim, por exemplo, em documentos sobre o assunto, afirma-se que somente na Filadélfia as pessoas que trabalharam pela revogação das mencionadas leis eram todas judeus; tratavam-se precisamente dos israelitas Sandiford, Lay, Woolman, Solomon e Benezet. Entretanto, todos esses arranjos falharam — com algumas exceções — nas colônias do Norte, onde a mão de obra escrava era menos necessária, enquanto no Sul, onde era mais necessária, os judeus conseguiram a revogação das leis que proibiam a escravidão.

Quando tal revogação foi obtida, os israelitas passaram a adquirir muitos navios, comprando diferentes mercadorias na costa africana, que ocupavam apenas uma pequena parte do navio, sendo a maior parte ocupada pelos negros escravizados, cuja venda nas colônias da América do Norte era ainda mais fácil, porque havia malária nos territórios das colônias do Sul, que não era facilmente tolerada pelos trabalhadores

brancos. Pelo contrário, os escravos negros tinham que trabalhar à força, mesmo adoecendo e morrendo devido à malária. Além dos comerciantes judeus de escravos de Newport e Charleston, a Imperialista Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, controlada, como já indicamos, com dinheiro judeu, já havia utilizado anteriormente vários navios para transportar escravos negros para Manhattan[33].

O Instituto Carnegie de Tecnologia de Pittsburgh, Pensilvânia, Estados Unidos, possui uma biblioteca e um arquivo com documentos da época em que os escravos negros foram trazidos para a América, registrando a participação decisiva dos judeus no comércio criminoso desses escravos. O estudo cuidadoso desses documentos nos leva à conclusão de que os judeus tinham em suas mãos um verdadeiro MONOPÓLIO do comércio de escravos negros da África para a América do Norte[34].

O judaísmo mundial utilizou rum, vodka e licores comuns em todos os países para promover o vício do alcoolismo entre aqueles que desejava explorar economicamente ou escravizar. Quando os judeus de Newport e Charleston tiveram a criminal ideia de escravizar os índios norte-americanos e vendê-los como escravos nas colônias britânicas e até em outras partes do mundo, a primeira coisa que fizeram foi enviar enviados que vendiam rum a eles, para incutir neles o vício do alcoolismo. As destilarias de rum, pertencentes a judeus em Charleston e Newport, enviavam seu produto para o Oeste e o Centro do país, regiões habitadas por tribos indígenas, e o vendiam aos líderes dessas tribos. O alcoolismo, rapidamente, dominou essas tribos, e o comércio de rum proporcionou grandes lucros aos exploradores judeus. Quando se convenceram de que os índios — segundo eles, por não gostarem de trabalho manual e por outras razões — não eram os escravos ideais para as plantações das colônias britânicas do Sul, chegaram à conclusão de que os negros africanos seriam muito mais adequados. Enviaram então representantes para vender rum às tribos negras da costa oeste da África, também com o objetivo de estimular o vício do alcoolismo entre as tribos negras e seus líderes; isso

33 Informação obtida do livro da Western Front intitulado "Quem Trouxe os Escravos para a América", pp. 10-11.
34 Documentos do "Carnegie Institute of Technology" de Pittsburgh, de acordo com estudo feito pela Western Front em "Quem Trouxe os Escravos para a América", p. 15.

proporcionaria aos exploradores israelitas lucros fabulosos e ainda prepararia o caminho para a caça de escravos negros, como eles diziam sarcasticamente. Por isso, o negócio de destilação e venda de rum e o comércio de escravos negros estavam intimamente ligados nos empresários judeus de Newport e Charleston.

Entre os judeus dessas duas cidades, que segundo documentos arquivados no Carnegie Institute of Technology de Pittsburgh, Pensilvânia (Estados Unidos), se dedicavam ao comércio de escravos, à destilação de rum e, de modo geral, a ambos os negócios, destacavam-se os seguintes israelitas de origem portuguesa, espanhola, holandesa e britânica, mas todos judeus: "I**saac Gomes; Hayman Levy, Jacob Malhado, Nephtaly Myers, David Hart, Joseph Jacobs, Moses Ben Franks, Moses Gomez, Isaac Dias, Benjamin Levy, David Jeshuvum, Jacob Pinto, Jacob Turk, Daniel Gomez, James Lucana, Jan de Sweevts, Felix (cha-cha) de Souza (conhecido como o príncipe dos traficantes de escravos e o segundo em importância depois de Aaron Lopez), Simeon Po'er, Isaac Elizer, Jacob Rod, Jacob Rodriguez Rivera, Haymlsaac Carregal, Abraham Touro, Moses Hays, Moses Lopez, Judah Touro, Abraham Mendes e Abraham All**"[35].

Os traficantes de escravos davam aos seus navios os nomes mais pitorescos: segue a lista de um grupo de 15 navios dedicados ao criminoso comércio de escravos negros:

Nome do Navio	Donos	Nacionalidade verdadeira
Abigail	Aaron Lopez, Moses Levy e Jacob Franks	Judeus
Crown	Isaac Levy e Nathan Simpson	Judeus
Nassau	Moses Levy	Judeus
Four Sisters	Moses Levy	Judeus
Anne & Eliza	Justus Bosch e John Abrams	Judeus
Prudent Betty	Henry Cruger e Jacob Phoenix	Judeus

35 W.F. - "Who Brought the Slaves to America", p. 17.

Hester	Mordecai e David Gomez	Judeus
Elizabeth	Davi e Mordecai Gomez	Judeus
Antigua	Nathan Marston e Abram Lyell	Judeus
Betsy	Wm. De Woolf	Judeus
Polly	James De Woolf	Judeus
White Horse	Jan de Sweevts	Judeus
Expedition	John and Jacob Roosevelt	Judeus
Charlotte	Moses, Sam Levey e Jacob Franks	Judeus
Caracoa	Moses e Sam Levey	Judeus

Os judeus de Newport possuíam 300 navios para transportar escravos negros da África para a América do Norte, e se se levar em consideração que, dos 600 navios que partiam de Newport para o resto do mundo, metade seguia para a África negra, fica claramente evidente que os israelitas detinham o MONOPÓLIO do comércio de escravos negros da África para a América do Norte[36].

Para realizar com sucesso o comércio de escravos negros, os judeus de Newport, Charleston e Virgínia não apenas compraram navios adequados para transportá-los de um continente a outro, como também criaram uma AGÊNCIA AFRICANA na costa ocidental da África para comprar escravos, também dirigida por judeus e profundamente introduzida no continente africano, com filiais incluindo líderes de grupos, vilarejos etc., capazes de conquistar a colaboração de muitos chefes de tribos negras nesse grande negócio israelita do comércio de escravos negros. Para ganhar a simpatia e a confiança dos líderes das tribos negras, os judeus usaram o mesmo sistema que aplicaram com os índios de pele vermelha. No início, davam rum aos caciques negros e, pacientemente, os afundavam no vício do alcoolismo; vendiam-lhes rum em troca de ouro e outros objetos de valor, que os negros entregavam por um preço muito baixo; e, quando acabavam com seu ouro e bens valiosos, os israelitas induziam os

36 “Who Brought the Slaves to America”, pp. 12-17.

negros alcoolizados a venderem seus filhos e netos. De fato, esses judeus não fizeram outra coisa senão usar o mesmo sistema que o Antigo Testamento da Bíblia diz que o israelita José usou no Egito, quando explorou a miséria e a fome existentes na época: José vendia alimentos aos egípcios primeiro em troca de dinheiro, e quando isso acabou, em troca de seus rebanhos e terras; quando os egípcios não tinham mais nada, José vendia provisões em troca de suas próprias pessoas, transformando-os em escravos.

Para que nossos leitores possam verificar pessoalmente que o que acabo de afirmar realmente aparece no Antigo Testamento da Bíblia, sugiro que peguem uma Bíblia e leiam os versículos do 13 ao 21 do capítulo quarenta e sete do Gênesis. Os israelitas ou judeus, que a cada ano estudam e comentam essas passagens bíblicas, consideram como sagrado esse terrível sistema de exploração do homem pelo homem, porque acreditam que foi ordenado a José pelo Deus de Israel. E, como os mandamentos divinos são eternos, esses comandos dados por Deus ainda estão em operação nos dias de hoje, e qualquer judeu que se enriquece seguindo esses sistemas não faz outra coisa senão obedecer à vontade do Deus de Israel, praticando assim a mais sublime virtude. Completamente oposta a tudo isso está a doutrina de Jesus Cristo, que pregava o amor a todo homem e ordenava fazer o bem a todos; por isso os israelitas o consideraram um impostor e o condenaram à morte.

Infelizmente, enquanto o Islamismo, o Cristianismo, o Budismo e as outras religiões ordenam aos seus fiéis que façam o bem ao restante da humanidade, a religião judaica apenas ordena aos judeus que façam o bem, considerando que os Dez Mandamentos podem ser aplicados somente aos irmãos israelitas, mas, em contrapartida, ordena explorar, dominar e escravizar aqueles homens chamados gentios, de forma depreciativa, matando impiedosamente aqueles que impedem os planos de dominação judaicos. Por essa razão, a religião israelita é atualmente uma religião perversa, nociva e perigosa para o restante da humanidade.

Outro sistema usado por essa rede de traficantes de escravos judeus era provocar guerras entre as tribos negras africanas, a fim de comprar os

prisioneiros de guerra de seus vencedores, trocando-os por rum, armas e munições, que eram usados para lutar contra outras tribos e conseguir novos prisioneiros a serem também vendidos como escravos aos agentes dos grandes comerciantes judeus. Ainda é necessário investigar o papel desempenhado nesse comércio infame pelas tribos de *Judeus Negros*, sobre as quais falamos no capítulo anterior.

Uma vez que os agentes judeus compravam, a preços muito baixos, os infelizes homens e mulheres negros das maneiras mencionadas acima, eles eram acorrentados aos pares e conduzidos por seus guardiões através da selva; essas pessoas usavam chicotes e batiam nos negros para obrigar aqueles que caíam no chão por exaustão ou aqueles que, por qualquer motivo, se recusassem a continuar a caminhar, a retomar sua horrível marcha rumo à escravidão. Muitos desses negros infelizes caíam exaustos e doentes, sem conseguir se levantar novamente apesar das pancadas recebidas, sendo abandonados na selva para serem devorados pelos animais ferozes; era comum encontrar — nessas rotas de escravos pela selva — esqueletos e ossos de pessoas abandonadas porque estavam doentes e não podiam continuar andando por conta própria. Alguns negros infelizes — apesar de estarem acorrentados e aproveitando a negligência de seus guardiões — tentavam fugir, mas eram facilmente capturados e friamente mortos por seus guardiões, como aviso para os outros.

Esse gigantesco genocídio realizado pelos israelitas continuou em vigor mesmo após a chamada Revolução Francesa, quando os judeus, hipocritamente, se posicionaram contra a escravidão e utilizaram todos os tipos de ideais bonitos para que o poder oculto judaico pudesse conquistar o apoio da burguesia gentia em sua tentativa de derrubar as monarquias, substituindo-as por governos falsamente democráticos, secretamente controlados, de fato, pelo imperialismo israelita. Ao mesmo tempo, na América do Norte e na África, outros judeus praticavam o mais criminoso comércio de escravos para obter grandes fortunas. A esse respeito, é necessário mencionar que, por exemplo, Aaron Lopez, o comerciante judeu de escravos, ao morrer deixou uma das maiores fortunas da história da NOVA INGLATERRA.

Quando os capatazes chegavam à costa com suas vítimas acorrentadas, entregavam-nas aos agentes dos comerciantes judeus de escravos e aos capitães dos navios que levariam a mercadoria humana para a América do Norte.

O comércio de escravos negros realizado pelos capitalistas judeus de Charleston e Newport consistia em duas empresas separadas, mas ambas inicialmente controladas por israelitas. A primeira, como mencionei antes, era responsável por capturar os negros na selva africana da forma já descrita, até que as caravanas de escravos chegassem à costa. A segunda empresa começava com a entrega dos escravos acorrentados aos agentes israelitas e aos capitães dos navios que transportariam a mercadoria humana para Newport, Charleston, Virgínia e outros lugares, onde os negros seriam vendidos ao público. Na primeira parte do negócio, ou seja, na captura dos escravos e entrega na costa, os judeus encontravam outros concorrentes negros que capturavam seu "botim" de qualquer forma e o levavam à costa para vender aos agentes das grandes companhias israelitas de Newport e Charleston.

Com essas pessoas, os agentes e capitães de navios eram muito exigentes, como pode ser verificado com informações de documentos arquivados que estamos tornando públicos. Cada negro capturado era apresentado ao agente ou capitão do navio, que o obrigava a mexer os dedos, braços, pernas e todo o corpo, para ter certeza das capacidades da vítima de realizar um bom trabalho. Qualquer imperfeição fazia com que o preço fosse reduzido. Até os dentes da vítima eram examinados e, se algum estivesse faltando, isso era usado pelos agentes judeus para reduzir o preço.

Se um negro chegava à costa com alguma doença, era comprado pelo menor preço pelos agentes israelitas, desde que eles acreditassem que poderiam curá-lo e vendê-lo por um preço muito alto, que lhes proporcionaria lucros suficientes. Negros em boas condições eram trocados por cem galões de rum, cem libras de pólvora ou em dinheiro entre 18 e 20 dólares. No entanto, às vezes as circunstâncias obrigavam os agentes e capitães a pagar excepcionalmente mais dinheiro pelas vítimas.

Entre os documentos examinados, há uma nota manuscrita de um capitão de navio datada de 5 de setembro de 1767, dizendo que teve que pagar até 200 galões de rum por um negro. Mas o mais comum era comprar pelos preços acima mencionados. Quando as mulheres tinham mais de 25 anos, o preço era reduzido em 25%. As crianças, quando era permitido comprá-las, eram adquiridas a um preço muito baixo.

Mas nos documentos examinados também aparece que negros comprados a 20 dólares geralmente, e em algumas ocasiões a 40 dólares cada, eram vendidos novamente nas colônias britânicas da América pelos comerciantes de escravos israelitas por um preço superior a dois mil dólares cada; isso nos permite perceber o resultado extremamente lucrativo do negócio realizado pelos judeus com o comércio de escravos negros, especialmente se considerado que, nessa operação genocida sem limites, milhões de negros foram levados da África para a América do Norte e do Sul.

Documentos referentes ao capitão de um navio de transporte indicam que o capitão Freedman, um israelita público, pagava o preço dos negros na costa, seja em dinheiro ou em mercadorias. Mas, ao trocar rum por escravos negros, ele seguia as instruções dadas por seus patrões judeus de Newport, onde lhe ordenavam textualmente, como pode ser visto no documento original manuscrito examinado: "**Coloque o máximo de água possível no rum.**" Dessa forma, os competidores gentios negros na primeira etapa do comércio de escravos, ou seja, desde a captura até a chegada à costa, *TAMBÉM ERAM ROUBADOS COM O RUM MISTURADO COM ÁGUA*. Suspeito que entre os traficantes negros na primeira fase estivessem negros judeus mencionados no capítulo anterior deste livro; entretanto, abstenho-me de afirmar isso, pois não possuo provas para sustentar tal alegação.

ESCRAVOS NEGROS ACORRENTADOS TENTANDO FUGIR DE SEUS CAPTORES ISRAELITAS.

De acordo com a ilustração sobre o assunto, o navio que os levaria à América pode ser visto ao fundo.

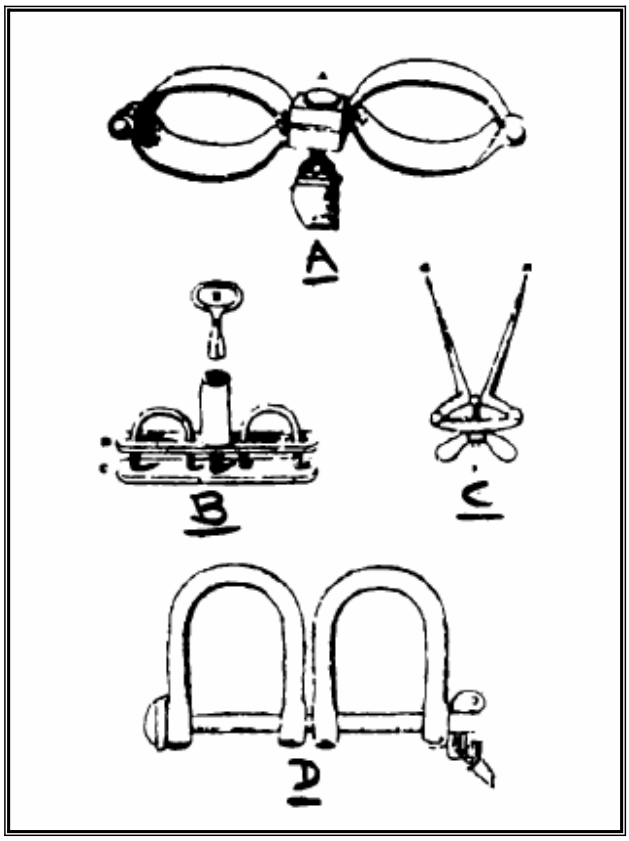
Depois de todos os fatos mencionados acima, e já nas mãos dos capitães de navios — que muitas vezes eram gentios — e dos agentes israelitas que acompanhavam e conduziam a operação, as cabeças dos negros infelizes eram completamente raspadas e depois marcadas com ferro incandescente com as iniciais do proprietário judeu dos novos escravos, exatamente da mesma forma que os donos de gado marcam os animais para que todos saibam quem é o dono. Esses sinais incandescentes causavam enormes sofrimentos, especialmente às mulheres e crianças, e eram colocados nas costas ou nos quadris do escravo, sem que os mercadores judeus de escravos sentissem a menor piedade ao cometer tais crimes infames. Dessa forma, se algum desses novos escravos negros tentasse escapar, era imediatamente reconhecido pelo sinal e devolvido ao proprietário israelita.

Alguns documentos mostram como, às vezes, famílias negras inteiras eram compradas ou capturadas na selva e, ao chegarem à costa, eram divididas entre os agentes das grandes empresas israelitas, que separavam impiedosamente os filhos da mãe ou do pai ao distribuir o “botim”, quando um agente comprava a mãe, diferente daquele que comprava os filhos, e assim por diante. Com gritos e soluços terríveis, que não comoviam a compaixão dos agentes israelitas, as mães viam seus filhos sendo acorrentados e levados para outros navios, a lugares onde nunca mais se veriam. Os leitores podem imaginar os sofrimentos terríveis de milhões de seres humanos, necessários para que algumas centenas de judeus pudessem acumular grandes fortunas com esse negócio.

Os fatos demonstraram que ninguém, exceto os israelitas, ao longo da história, sistematizou de modo quase científico a exploração do homem pelo homem, e que ninguém, como os judeus, conheceu essa exploração tão profundamente, porque a praticaram como nenhum outro povo, especialmente nos tempos modernos. Não é estranho, portanto, que tenham sido dois israelitas, Karl Marx e Friedrich Engels, que puderam estudar magistralmente o que foi e continua sendo a exploração do homem pelo homem. Mas o que ambos ocultaram é que seus irmãos judeus têm sido os

maiores mestres dessa ciência infame, embora Marx tenha dito algo, mas muito pouco, sobre o assunto em seu livro sobre a “Questão Judaica”.

ALGEMAS E GRILHÕES –
INSTRUMENTOS PARA ACORRAR E TORTURAR
USADOS PELOS ISRAELITAS TRAFICANTES DE ESCRAVOS
NEGROS.



Fotos tiradas dos instrumentos originais.

A. Algemas; uma era usada para acorrentar a mão direita de um negro e a outra para acorrentar a mão esquerda do negro vizinho, ambos deitados juntos no porão escuro de 39 polegadas (um metro) de altura, como se estivessem enlatados sardinhas.

B. Grilhões para acorrentar os pés, prendendo o pé direito de um escravo ao pé esquerdo de outro.

C. Um dos muitos instrumentos de tortura usados nos navios dos traficantes israelitas de escravos.

D. Instrumento usado para forçar a abertura da boca dos escravos que se recusavam a comer, preferindo morrer de fome a continuar sofrendo na viagem de tortura.

O transporte dos negros da praia até o navio era feito em canoas, onde de 4 a 5 pessoas eram levadas usando toda a força. Tudo estava preparado para capturar rapidamente os escravos caso algum tentasse cair na água. Quando os escravos chegavam ao navio, eram despidos de suas roupas e, se alguém tentasse pular na água, era capturado novamente por pessoas preparadas para tal situação. As pernas de qualquer um que tentasse escapar eram imediatamente cortadas na presença de todos os escravos, para que nenhum deles tentasse fugir novamente.

O navio destinado ao transporte de escravos era dividido em três seções: as crianças ficavam no convés; as mulheres eram colocadas em outro local e os homens eram sempre colocados abaixo do convés. E como esses navios, para economizar despesas, não eram adequados para transportar pessoas, eram equipados como se fossem para animais, com os quais os pobres escravos negros eram comparados.

De modo geral, os capitães desses navios raramente sentiam piedade por essas pessoas infelizes. Alguns enlouqueciam durante a viagem devido à dor e ao desespero. Outros adoeciam e morriam durante o trajeto. Quando os capitães eram negligentes ao vigiar ou acorrentar algumas das vítimas, era comum que algumas delas, enlouquecidas, ferissem ou matassem o companheiro ao lado. E, às vezes, nesses casos, começavam brigas horríveis, com pessoas quase asfixiadas e desesperadas tentando ganhar um ou dois centímetros a mais de espaço para ficarem um pouco menos desconfortáveis. Então aparecia o capataz dos escravos, restaurando a ordem com fortes chicotadas nos que brigavam. Essas discussões obrigavam os capitães negligentes a vigiar cuidadosamente que ninguém estivesse solto, para evitar que, no desespero causado pela dor e angústia, alguém matasse ou ferisse seriamente outro. Tanto os capitães gentios quanto os judeus eram responsáveis, perante os donos judeus da carga de escravos, por manter “a mercadoria” viva até sua chegada ao porto de destino, em condições de ser vendida a bom preço.

Uma das coisas que causava enormes sofrimentos às vítimas infelizes era que os capitães dos navios não se preocupavam em limpar a urina e os excrementos das pessoas amontoadas naqueles calabouços escuros; assim,

à medida que semanas e meses se passavam, os negros infelizes permaneciam deitados em poças de excrementos e urina, em meio a um fedor pestilento que nauseava qualquer pessoa que entrasse naquele lugar infernal, digno de figurar nos cenários descritos por Dante em sua Divina Comédia.

Os leitores podem imaginar os horrores que milhões de negros tiveram de suportar durante essas viagens terríveis, para que alguns judeus ficassem cada vez mais ricos à custa do sofrimento, da escravidão e da morte das vítimas desse enorme genocídio, comparável apenas aos sofrimentos de milhões de camponeses e trabalhadores russos ou de outros países da União Soviética e de seus estados satélites, incluindo Cuba, onde são torturados, escravizados e assassinados por ditaduras totalitárias judaicas, encobertas pela falsa máscara do socialismo, do comunismo ou de uma inexistente e falsa ditadura do proletariado.

No setor destinado às mulheres, que era outro calabouço estreito de baixa altura, semelhante ao dos homens, as mulheres também eram amontoadas como sardinhas enlatadas, ocorrendo às vezes que tivessem de dar à luz seus filhos nessa posição dolorosa, com as consequências que os leitores podem imaginar.

FOTO MOSTRANDO COMO OS ESCRAVOS NEGROS ERAM AMONTOADOS UM AO LADO DO OUTRO, COMO SARDINHAS ENLATADAS OU LIVROS EM UMA BIBLIOTECA, COM ALGEMAS NAS MÃOS E GRILHÕES NOS PÉS, NOS CALABOUÇOS DE 39 POLEGADAS DE ALTURA, ONDE NÃO PODIAM SE QUER SENTAR, QUANTO MAIS FICAR EM PÉ. ELES TINHAM DE PERMANECER NESSA POSIÇÃO DURANTE OS TRÊS MESES DE VIAGEM, SOFRENDO DE MANEIRA EXTREMA E INDESCRITÍVEL, E EM MUITOS CASOS SEM SAÍREM AO DECK NEM UMA ÚNICA VEZ PARA RESPIRAR AR FRESCO.

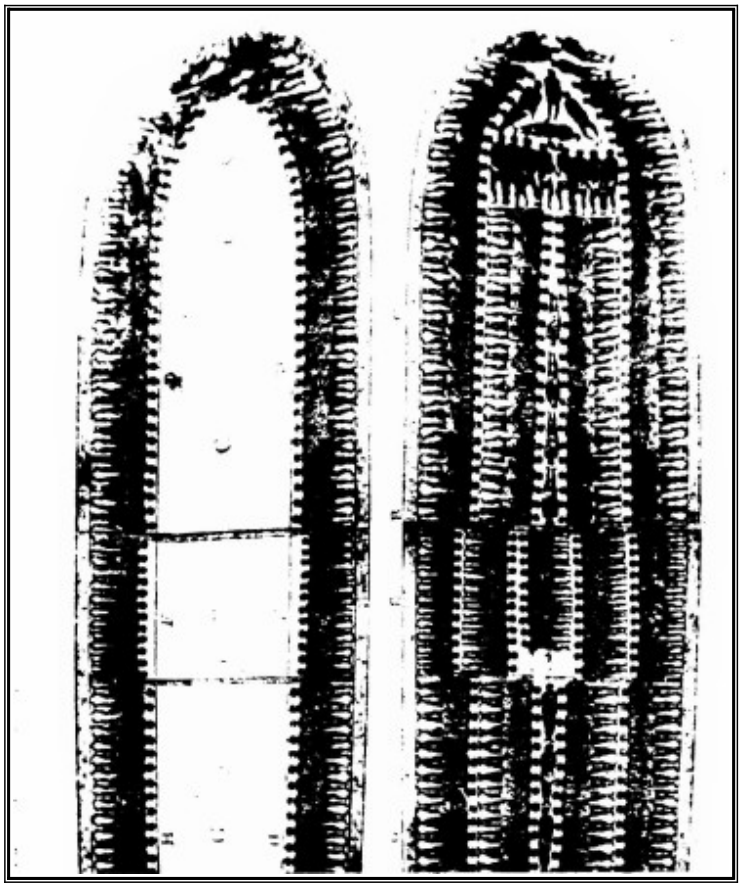


Foto retirada de um esboço da época. Por C. S., Who Brought the Slaves to America, p. 13.

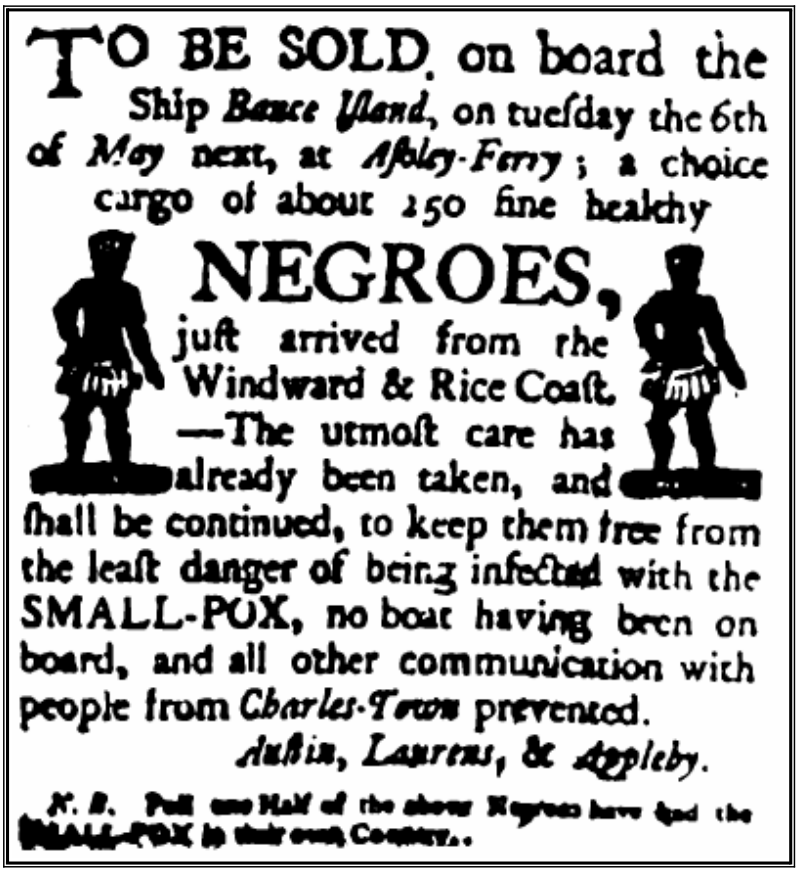
Alguns capitães, ao perceberem que “a mercadoria” estava morrendo durante a viagem, tomavam a medida emergencial de, às vezes, retirar os escravos de seus calabouços para que respirassem um pouco de ar fresco no convés. Mas antes de fazê-lo, verificavam cuidadosamente se as correntes estavam bem presas, para evitar fugas. Havia, entretanto, capitães que não tomavam essa precaução, e os negros desgraçados tinham de passar os três meses de viagem — ou mais — sem interrupção, amontoados, sem sair daqueles calabouços infernais, sofrendo horrores dia e noite, o que poderia parecer anos para eles, assim como ocorre a qualquer pessoa que passa semanas ou meses em um leito de hospital sem poder se levantar — porém muito pior, devido ao extremo desconforto e à imundície em que milhões de negros eram obrigados a permanecer durante essas longas viagens que os levavam à escravidão.

Ao chegarem à América do Norte, os escravos eram vendidos nos mercados de todas as colônias britânicas que autorizavam a escravidão, devido a arranjos previamente feitos pelos israelitas. Em muitos casos, eram vendidos em leilões públicos[37].

Algo semelhante ocorria com os negros adquiridos na África para serem vendidos nas Antilhas e na América do Sul.

37 Para ampliar sua informação sobre o tráfico de escravos da África para a América, os leitores podem consultar, além do livro já mencionado "Who Brought the Slaves to America", as seguintes fontes:
I. Elizabeth Donnan, "Documents Illustrative of the History of the Slaves Trade to America", quatro volumes, edições Washington, D.C., 1930 e 1935.
II. Malcolm Cowley, "Adventures of an African Slaver", Nova York, 1928.
III. Arquivos e biblioteca do Carnegie Institute of Technology, Pittsburgh, Pensilvânia, Estados Unidos.

FOTO RETIRADA DE UM ANÚNCIO DE VENDA DE ESCRAVOS NEGROS, PUBLICADO EM UM JORNAL DE CHARLESTOWN (CHARLESTON) EM 1776.



TO BE SOLD, on board the Ship *Bance Island*, on tuesday the 6th of *May* next, at *Afsley-Ferry*; a choice cargo of about 250 fine healthy

NEGROES,

juſt arrived from the Windward & Rice Coaſt. —The utmoſt care has already been taken, and ſhall be continued, to keep them free from the leaſt danger of being infected with the SMALL-POX, no boat having been on board, and all other communication with people from *Charles-Town* prevented.

Austin, Laurens, & Appleby.

N. B. Full one Half of the above Negroes have had the SMALL-POX in their own Country.

Os comerciantes judeus de escravos negros usavam anúncios chamativos para obter o melhor preço possível por sua "mercadoria humana".

Diante de fatos tão claros e eloquentes, os leitores compreenderão que apenas o tradicional cinismo e a máxima hipocrisia israelita lhes permite ousar aparecer como amigos, aliados e até redentores dos negros, com o único objetivo de enganá-los mais uma vez, a fim de conquistar sua confiança e manipulá-los em benefício dos planos políticos de dominação e conquista judaicos.